DOM QUIXOTE

de Cervantes
(1547 – 1616)

RESUMO DA NARRATIVA

Publicada em duas partes, 1605 e 1615, a obra "O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha" é o "avô" do romance escrito. Antes dele, só havia histórias contadas em versos. Neste sentido, o Quixote é uma epopéia em prosa. Composta em 52 capítulos na primeira parte e 84 na segunda, dá freqüentemente a impressão de não ter um enredo central coerindo suas partes. No entanto, segundo Otto Maria Carpeaux, há em todos os capítulos alguma coisa que os unifica: *"A luta de Dom Quixote contra a realidade que é incompatível com suas leituras de romances tão fantásticos como os de cavalaria"*.

A trama conta as aventuras de Dom Quixote, pequeno fidalgo rural, envelhecido e solteirão, que vive na região da Mancha. Sem ter o que fazer, lê romances de cavalaria nos quais acredita piamente. Sai então pelo mundo para reproduzir os feitos daqueles heróis, como Lancelote e Amadis de Gaula, elegendo Dulcinéia de Tobosa, que ele nem mesmo conhece, mas ama platonicamente, como sua dama, *"porque um cavaleiro sem amores era árvore sem folhas nem frutos, e corpo sem alma"*. Faz-se acompanhar de seu cavalo Rocinante e do escudeiro Sancho Pança, um camponês a quem prometeu o governo de uma ilha como recompensa por sua fidelidade.

Na folha de rosto da primeira edição há um escudo com os dizeres: *"Post tenebras, spero lucem"* e este dístico enigmático provavelmente contém a chave do enigma do Quixote. O filósofo Schelling dizia do Dom Quixote ser a mais completa descrição já feita do sentido mais autêntico da vida. Ortega y Gasset também pergunta nas *"Meditaciones Del Quijote"*: *"Haverá livro mais profundo que este humilde romance de ar burlesco?"*

O texto utilizado neste resumo é a famosa tradução dos viscondes de Castilho e Azevedo (conde de Azevedo e visconde Antônio Feliciano de Castilho), feita no século dezenove e que mantém o "sabor de época".

Parte 1 (publicada em 1605)

Prólogo

Cervantes diz que é padrasto da obra, que é como um filho nascido na prisão.

> “*Desocupado leitor, não preciso de prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo e discreto que se pudesse imaginar: porém não esteve na minha mão contravir à ordem da natureza, na qual cada coisa gera outra que lhe seja semelhante; que podia portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa? Bem como quem foi gerado em um cárcere, onde toda a incomodidade tem seu assento, e onde todo o triste ruído faz a sua habitação.”* (pág. 25)

Cervantes conta ao leitor que um amigo *“bem entendido e espirituoso”*, com quem conversou sobre este prólogo, explicando-lhe que nele não haveria menções, citações eruditas e sonetos por várias razões, sobretudo *“porque sou muito preguiçoso e custa-me muito a andar procurando autores que me digam aquilo que eu muito bem sei dizer sem eles”,* recomendou-lhe que não prestasse atenção a reclamações e não se desse *“dez-reis de mel coado desses falatórios”,* porque com falatório não poderão cortar a mão *“com que... escrevestes”*.

Continuando seus conselhos, o amigo de Cervantes diz:

> *“E de mais a mais, se não me iludo, este vosso livro não carece de algumas dessas coisas que dizeis lhe falta, pois todo ele é uma invectiva contra os livros de cavalarias, dos quais nunca se lembrou Aristóteles nem vieram à idéia de Cícero, e mesmo São Basílio guardou profundo silêncio a respeito deles; o livro que escreveis há de conter disparates fabulosos, com os quais nada têm que ver as pontualidades da verdade, nem as observações da astrologia; nem lhe servem de coisa alguma as medidas geométricas, nem a confutação dos argumentos usados pela retórica; nem tem necessidade de fazer sermões aos leitores misturando o humano com o divino, mistura esta que não deve sair de algum cristão entendimento. No vosso livro o que muito convém é uma feliz imitação dos bons modelos, a qual, quanto mais perfeita for, tanto melhor será o que se escrever.”* (pág. 29)

Em todo caso, após o prólogo, seguem poemas de “autoria” de várias personagens literárias, como Urganda, Amadis de Gaula, Dom Belianis de Grécia, Senhora Oriana, Gandalim, Orlando Furioso e outros. Todos saudando Dom Quixote, Sancho Pança, Dulcinéia e Rocinante.

Capítulo I

Que trata da condição e exercício do famoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha.

O fidalgo senhor Quijada (ou Quesada, ou Quixana) vive numa cidadezinha não nomeada da Mancha, a sudoeste de Madrid. Tem cerca de cinqüenta anos e é *“rijo em compleição, seco de carnes, enxuto de rosto, madrugador, e amigo da caça”*.

Moram com ele uma governanta de quarenta anos e uma sobrinha, Antônia, com cerca de vinte.

> “*É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de semeadura para comprar livros de cavalarias que ler, com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele gênero.”* (pág. 44)

De tanto ler os romances de cavalaria, o senhor Quijada teria perdido o juízo e decidido tornar-se um cavaleiro andante. Para tanto, recupera uma velha e enferrujada armadura, um elmo escangalhado (que ele mesmo conserta), um escudo de couro e uma lança, armas que haviam pertencido ao seu bisavô.

Rebatiza seu velho cavalo de Rocinante e o imagina superior ao Bucéfalo de Alexandre e ao Babieca do Cid. Para si adota o nome de Dom Quixote[1] a que adiciona “de la Mancha”, como o cavaleiro Amadis de Gaula havia feito referindo-se a sua terra, Gaula. Faltava, no entanto, uma dama porque *“um cavaleiro sem amores era árvore sem folhas nem frutos, e corpo sem alma”* e Dom Quixote escolhe Aldonça Lorenço, uma camponesa por quem ele andava platonicamente apaixonado, apesar de *”ela nunca ter desconfiado”* e a rebatiza Dulcinéia Del Toboso.

Capítulo II

Que trata da primeira saída que de sua terra faz o engenhoso Dom Quixote.

Dom Quixote parte para suas aventuras em certo dia de julho sem *“a ninguém dar parte de sua intenção”*. Cavalgando o campo de Montiel, a caminho da primeira intervenção heróica, lembra-se, no entanto, de que não havia sido ainda *“armado cavaleiro”* e pensa nas glórias que o futuro lhe reconheceria. De acordo com o narrador, o sol estava tão quente que *“de todo lhe derretera os miolos se alguns tivera”*.

Dom Quixote chega a uma estalagem onde encontra duas moças *“destas que chamam ‘de vida fácil’ “* que julga serem damas de um castelo *“com suas quatro torres, e coruchéus feitos de luzente prata, sem lhe faltar a ponte levadiça, e cava profunda, e mais acessórios que em semelhantes castelos se debuxam”*. Sob risadas das mulheres, Dom Quixote diz que sua vontade não é outra que não servi-las e toma o gordo vendeiro pelo *“alcaide da fortaleza”*: O “alcaide” lhe serve *“uma porção do mal remolhado e o pior cozido bacalhau, e um pão tão negro e de tão má cara, como as armas de Dom Quixote”*. Tudo servido na boca pelas senhoras da estalagem, já que, imobilizado pela armadura, o fidalgo não consegue comer sozinho.

Capítulo III

No qual se conta a graciosa maneira que teve Dom Quixote em armar-se cavaleiro.

Naquela noite Dom Quixote não dorme, *“velando armas”* e esperando ser sagrado cavaleiro pelo “alcaide” no dia seguinte.

> **“***O vendeiro, que era, como já se disse, folgazão, e já tinha suas desconfianças da falta de juízo do hóspede, acabou de o reconhecer quando tal lhe ouviu; e para levar a noite de risota, determinou fazer-lhe a vontade.”* (pág. 54)

No dia seguinte, o vendeiro fala de dinheiro com Dom Quixote e confirma suas desconfianças de que ele não tem nenhum. O comerciante explica-lhe que, embora isso nunca seja dito nos romances, por ser óbvio e estar subentendido, os cavaleiros sempre levam *“bem petrechadas as bolsas”*. O fidalgo diz que *“nunca tinha lido nas histórias dos cavaleiros andantes que nenhum os tivesse trazido”*. Dom Quixote motiva a curiosidade de todos, porque o vendeiro havia espalhado na casa, como piada, o projeto de sagração do fidalgo. As armas, na falta de capela, haviam sido veladas sobre uma pia. Um arrieiro mexe nelas e Dom Quixote reage:

> **“-** *Ó tu, quem quer que sejas, atrevido cavaleiro, que vens tocar nas armas do mais valoroso andante que jamais cingiu espada, olha o que fazes, e não lhe toques, se não queres deixar a vida em paga do teu atrevimento!”* (pág. 56)

[1] Nota do resumidor: “Quixote” é o nome da armadura que protege a coxa do combatente, uma espécie de perneira blindada.

Como o arrieiro as atira longe, afrontando-o, Dom Quixote dá-lhe um golpe na cabeça que o derruba. Outro arrieiro também precisado da pia remove as armas e também é atingido. Os companheiros dos agredidos jogam pedras em Dom Quixote que as apara como pode e os censura com autoridade. O "alcaide" intervém, dizendo ter havido suficiente tempo de velamento, e o consagra cavaleiro numa cerimônia fingida que os presentes assistem controlando o riso: *"Deus faça a Vossa Mercê muito bom cavaleiro, e lhe dê ventura em lides".* Dom Quixote, agora cavaleiro, parte, após despedir-se do "castelão" que *"sem pedir a paga da pousada, o deixou ir em boa hora"*.

Capítulo IV

Do que sucedeu ao nosso cavaleiro quando saiu da venda.

Dom Quixote, orgulhoso, dirige-se para sua aldeia. No caminho encontra um fazendeiro açoitando André, um rapazote de quinze anos, seu empregado, que tinha sido descuidado com as ovelhas. Dom Quixote, vendo naquilo uma injustiça, interpela João Haldudo, o fazendeiro, mas o homem lhe explica que o rapaz deveria cuidar das ovelhas, mas *"de dia a dia me falta uma"*. Dom Quixote obriga-o a desatar o rapaz e pagar-lhe os salários atrasados. Tendo obtido a promessa de Haldudo, que supunha ser um cavaleiro, Dom Quixote meteu as *"esporas ao Rocinante, e em breve espaço se apartou deles"*. Já longe, Dom Quixote não viu que o fazendeiro deu em André surra maior ainda, *"que o deixou por morto"*.

Continuando a viagem, Dom Quixote encontra um grupo de seis mercadores *"a caminho de Múrcia à compra de seda"* e os desafia:

> **"-** *Todo mundo se detenha, se todo o mundo não confessa que não há no mundo donzela mais formosa que a imperatriz da Mancha, a sem-par Dulcinéia Del Toboso."* (pág. 65)

Os mercadores, fazendo pouco dele, exigem, para declarar tal coisa, ver da moça a imagem, *"ainda que não seja maior do que um grão de trigo"*. Dom Quixote, irritado, arremete *"com a lança em riste contra o que lhe falara"*. Rocinante tropeça e derruba o fidalgo que roda *"um bom pedaço pelo campo"* e não consegue levantar-se, imobilizado pelo peso da velha armadura. Um dos membros da comitiva toma a lança do Quixote, estirado no chão, quebra-a e, com uma parte, desfere *"pancadaria tão vasta, que, a despeito e pesar de suas armas, o moeu como bagaço"*.

Capítulo V

Em que prossegue a narrativa da desgraça de nosso cavaleiro.

Dom Quixote, estirado e alquebrado, é encontrado por Pedro Alonso, um *"lavrador do mesmo lugar, e vizinho seu"*, que o reconhece: *"Senhor Quixana, ..., que o pôs a Vossa Mercê nesta lástima?"* Dom Quixote pensa que aquele homem é o marquês de Mântua, seu tio: *"O nobre marquês de Mântua, meu tio e senhor carnal"*. Apesar dos *"disparates"*, Pedro Alonso o leva para casa à noite *"para que não vissem ao moído fidalgo tão mau cavaleiro".* Na casa de Quijana, a governanta lamentava ao cura, Pedro Perez, e ao barbeiro, Mestre Nicolau, o desaparecimento já de três dias de Quijana, atribuindo à leitura dos livros de cavalaria toda a responsabilidade.

Capítulo VI

Do curioso e grande expurgo que o padre-cura e o barbeiro fizeram na livraria do nosso engenhoso fidalgo.

A governanta, o cura e o barbeiro expurgam a biblioteca de Quijano de todos os livros de cavalaria, poupando, no entanto, alguns *"que não merecessem o castigo do fogo"*, entre eles o "Amadis de Gaula" e a "Galatea" de Cervantes. Os livros condenados são atirados pela janela pela ama para serem queimados no quintal. O cura, que é licenciado, faz comentários eruditos de cada livro, nota, durante o expurgo, que determinado livro havia perdido sua valia original e *"o mesmo sucederá a todos quantos quiserem traduzir para os seus idiomas livros de versos, que, por muito cuidado que nisso ponham, e por mais habilidade que mostrem, nunca hão de igualar ao que eles valem no original"*.

Capítulo VII

Da segunda saída do nosso bom cavaleiro Dom Quixote de la Mancha.

No seu quarto, Dom Quixote, *"tão acordado como se nunca tivera dormido"*, brada: *"Aqui, aqui, valorosos cavaleiros! Aqui é mister mostrar a possança de vossos valorosos braços, que os cortesãos levam a melhoria no torneio"*. A gritaria interrompe a seleção dos livros. Todos acodem. Dom Quixote confunde o cura com o arcebispo Turpim[2].

O barbeiro e o cura providenciam que se *"emparedasse a sala dos livros, para que ao levantar-se o amigo* (Quijana) *não pudesse dar com ela*" e assim é feito. Quando o velho cobra da ama o paradeiro do *"aposento de livros"*, ela lhe diz que *"carregou com tudo o mesmo diabo"*, ao que a sobrinha completa: *"Não era diabo, ..., era um encantador que veio numa nuvem... e disse que se chamava o sábio Munhatão"*. Dom Quixote, meio confuso, concorda:

> **"***- Isso mesmo – disse Dom Quixote -, é esse um sábio encantador grande inimigo meu, e que me tem ojeriza porque sabe por suas artes e letras que, pelo andar dos tempos, tenho de pelejar em singular batalha com um cavaleiro a quem ele favorece, e o hei de vencer sem que ele mo possa estorvar; por isso procura fazer-me quantas sensaborias pode, e eu digo-lhe que mal poderá ele evitar o que do céu nos está determinado."* (págs. 78-80)

Após quinze dias *"mui quedo, sem dar mostras de querer recair nos seus primeiros devaneios"*, Dom Quixote requisitou *"a um lavrador seu vizinho, homem de bem..., e de pouco sal na moleira"* que lhe fosse servir de escudeiro, prometendo-lhe o cargo de governador de uma ilha, caso *"do pé para a mão uma ganhasse"*.

> **"***Com estas promessas e outras quejandas, Sancho Pança, que assim se chamava o lavrador, deixou mulher e filhos, e se assoldadou por escudeiro do fidalgo"* (pág. 80)

Sancho Pança propõe em ir montando um asno, coisa que Dom Quixote estranha, *"cismando se se lembraria que algum cavaleiro andante teria trazido escudeiro montado asnalmente"*. Mesmo não tendo se lembrado de nenhum, permite que o escudeiro vá de burro. Levantado um pouco de dinheiro com a venda de objetos (atendendo recomendação do "alcaide"), partem os dois numa noite *"sem os ver alma viva, e tão de levada se foram, que ao amanhecer já se iam seguros de que não os encontrariam, por mais que os*

[2] Nota do resumidor: O arcebispo Turpim foi arcebispo de Reims entre 756 e 788 e, tendo morrido heroicamente na batalha de Roncevaux, tornou-se personagem de várias canções de gesta do ciclo carolíngeo.

rastejassem". Seguem pelo campo de Montiel e Sancho Pança vai cobrando o amo da promessa do governo da ilha.

Capítulo VIII

Do bom sucesso que teve o valoroso Dom Quixote na espantosa e jamais imaginada aventura dos moinhos de vento, com outros sucessos dignos de feliz recordação.

Dom Quixote descobre trinta ou quarenta moinhos de vento[3] que toma por gigantes e os ataca *"em fera e desigual batalha"*, apesar da insistência de Sancho Pança de que eram apenas moinhos. Desafia o fidalgo: *"Não fujais, covardes e vis criaturas, é um só cavaleiro o que vos investe"*. Ao atingir violentamente o primeiro moinho com a lança, ela se quebra e cavaleiro e cavalgadura são jogados ao chão. Acudindo o amo, Sancho Pança repara que só poderia desconhecer que ali estavam moinhos de vento *"quem dentro da cabeça tivesse outros"*.

A dupla continua viagem até Porto Lápice onde *"não era possível que se achassem muitas e diversas aventuras"*. Dom Quixote procura um galho para substituir sua lança. Naquela noite, Dom Quixote não dorme, porque era costume de cavaleiros não dormir pensando na amada. No dia seguinte, o fidalgo proíbe Pança, que não era cavaleiro, de socorrê-lo, no caso de enfrentar algum, porque apenas cavaleiros podem enfrentar cavaleiros.

Aparecem dois frades da ordem de São Bento, *"cavalgando sobre dois dromedários, que não eram mais pequenas as mulas em que vinham",* seguidos de uma comitiva que transportava uma *"senhora biscainha que ia a Sevilha"*. Dom Quixote julga que aqueles *"vultos negros"* eram *"encantadores"* que a estavam raptando. Pança tenta dissuadi-lo, mas ele desafia o grupo:

> **"** *– Gente endiabrada e descomunal, deixai logo no mesmo instante as altas princesas que nesse coche levais furtadas; quando não, aparelhai-vos para receber depressa a morte, por justo castigo das vossas malfeitorias."* (pág. 87)

Dom Quixote arremete contra o primeiro frade que cai da mula. O segundo foge *"mais ligeiro que o próprio vento"*. Pança tenta tirar as roupas do frade caído, como *"despojos de guerra"* que lhe pertenciam legitimamente, mas moços da comitiva o surram e o deixam *"estendido como morto"*. Dom Quixote, enquanto isso, apresenta-se às damas da carruagem como seu salvador e *"cativo da sem-par em formosura Dona Dulcinéia Del Toboso"* e pede-lhes que ao passar por Toboso, agora libertas, contem a Dulcinéia seu feito. O cocheiro, um *"colérico biscainho"*, com pressa, injuria Dom Quixote: Eles começam a lutar e Dom Quixote recebe *"uma grande cutilada acima de um ombro"*. Os dois contendores esperam a iniciativa do outro. Está estabelecido o impasse, mas "*neste ponto exatamente, interrompe o autor da história esta batalha, dando por desculpa não ter achado mais notícia desta façanha de Dom Quixote, além das já referidas"*.

---

[3] Nota do resumidor: Moinhos de vento foram introduzidos na Espanha em 1575, logo é de se imaginar que fossem novidade tanto para Cervantes como para Dom Quixote.

Capítulo IX

Em que conclui a estupenda batalha que o galhardo biscainho e valente manchego tiveram.

Afortunadamente, Cervantes diz ter comprado no Alcaná de Toledo um manuscrito árabe de autoria do sábio Cide Hamete Benengeli, *"historiador arábigo"* que depois descobriu conter as partes faltantes da história. Comentando o achado, Cervantes nos diz confiar no relato de Benengeli, porque os historiadores devem ser *"muito pontuais, verdadeiros, e nada apaixonados, sem que nem interesse, nem temor, nem ódio, nem afeição, os desviem do caminho direto da verdade, que é a filha legítima de quem historia, êmula do tempo, depósito de feitos, testemunha do passado, exemplo e conselho do presente, e ensino do futuro"*.

A continuação da descrição da luta dá conta de que o colérico biscainho fere gravemente Dom Quixote na orelha e este revida com tal violência que o seu opositor *"começou logo a deitar sangue pelos narizes, pela boca, e pelos ouvidos"*. Subjugado o inimigo, Dom Quixote atende aos apelos de mercê das damas e o poupa da morte, com a condição de ele se apresentar a Dulcinéia em Toboso e colocar-se à disposição dela.

Capítulo X

Dos graciosos arrazoados que passaram entre Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança.

A dupla, meio estropiada, continua sua peregrinação por mais aventuras. Sancho Pança teme a Santa Irmandade[4], que os poderia perseguir. Dom Quixote o tranqüiliza:

> **" –** *Cala-te, aí – respondeu Dom Quixote; - onde viste ou leste jamais que algum cavaleiro andante fosse posto em juízo, por mais homicídios que fizesse?"* (pág. 96)

Pança responde que não sabe ler e lhe diz para tratar da orelha ferida. Quixote diz que fará o milagroso bálsamo de Ferrabrás, cuja receita tem na memória, e faz juramento de levar vida estóica enquanto não derrotar seus inimigos. Ao ser novamente cobrado do "governo da ilha" por Sancho, Quixote lhe diz que *"quando falta ilha, aí estão o reino da Dinamarca ou o de Sobradisa, que te servirão como o anel em dedo"*.

Capítulo XI

Do que a Dom Quixote sucedeu com uns cabreiros.

Dom Quixote e Sancho Pança encontram seis cabreiros que os convidam para comer *"certos tassalhos de cabra, que estavam numa caldeira a ferver ao lume"*. Sancho, respeitando a hierarquia, não quer comer junto com seu amo, mas Quixote o puxa pelo braço e o obriga a *"sentar-se-lhe a par"* dizendo, conforme São Lucas, que *"quem mais se humilha mais se exalta"*. Dom Quixote come queijo e toma vinho. Faz discurso homenageando a idade de ouro. Chega um pastor *"entendido e enamorado"* e declama poemas a uma dama chamada Olaia (Eulália). Um dos cabreiros aplica folhas mastigadas de rosmarinho com sal à orelha de Dom Quixote.

[4] Nota do resumidor: Espécie de polícia do Rei, composta de oficiais de justiça em busca de criminosos e fugitivos da lei.

Capítulo XII

Do que referiu um cabreiro aos que estavam com Dom Quixote.

Chega um moço da aldeia, Pedro, e comunica ter morrido naquela manhã *“aquele famoso pastor estudante, chamado Crisóstomo”*, por amor da *“endiabrada moça Marcela,... a que anda em trajo de pastora por esses andurriais”*. Pedro conta que Crisóstomo e seu amigo Ambrósio andavam vestidos de pastores para encontrá-la. Marcela seria filha do falecido Guilherme, a quem Deus *“havia concedido muitas e grandes riquezas”*. Com a morte do pai, a menina rica fora colocada sob tutela dos tios que se surpreenderam muito quando ela se tornou pastora. Rapazes em massa começaram a se vestir de pastores para procurá-la. Marcela, no entanto, não toma conhecimento de nenhum deles *“e o seu desdém e desengano os conduzem a termos de desesperação”*.

Capítulo XIII

Em que se dá fim ao conto da pastora Marcela, com outros sucessos.

Ao amanhecer, Dom Quixote vai ao enterro de Crisóstomo. No caminho encontra comitiva com o mesmo destino e lhes fala do rei Artur e das aventuras de Lançarote e Ginevra. Explica-lhes o sentido da profissão de cavaleiro:

> **“***Venho a dizer que os religiosos, com toda a paz e o sossego, pedem ao céu o bem da terra; e nós, os soldados e cavaleiros, executamos o que eles só requerem, porque a defendemos com o valor do nosso braço, e ao fio da nossa espada, não debaixo de teto mas em campo descoberto, oferecidos em alvo aos insofridos raios do sol do verão, e aos arrepiados gelos do inverno. Deste modo, somos ministros de Deus na terra, e braço pelo qual se executa no mundo a sua justiça.”*
> (págs. 111-112)

Um dos caminhantes acha que os cavaleiros *“se encomendam é às suas damas, com tanta ânsia e devoção, como se o Deus fosse elas”*. Quixote responde que cavaleiros não podem existir sem damas, porque tê-las é tão natural *“como o céu ter estrelas”*. Faz em seguida grande panegírico a Dulcinéia, mas um dos caminhantes diz que não lhe reconhece o sobrenome.

Seguindo a vontade do morto, o cadáver é enterrado no local onde se havia, pela primeira vez, descoberto apaixonado por Marcela. Ambrósio faz discurso funerário elogiando o defunto. Vivaldo, um dos caminhantes, declara que não se devem esquecer os escritos do falecido e que estes *“fiquem sempre lembrando a crueldade de Marcela, para exemplo aos que vierem, que se apartem e fujam de cair em semelhantes despenhadeiros”*. O grupo decide ler uma poesia de Crisóstomo.

Capítulo XIV

Onde se põem os versos desesperados do pastor defunto, com outros imprevistos sucessos.

Vivaldo lê a *“canção desesperada”* de Crisóstomo, que trata do desprezo amoroso de Marcela. Todos se emocionam.

No auge da revolta, Marcela aparece subitamente e se defende dizendo não ter seduzido homem algum, que não quer saber de amores, que não pode ser acusada de ser bela, que quer viver livre e sozinha e que não enganou ninguém. Afirma também que Crisóstomo havia morrido por sua própria culpa: *"Se a Crisóstomo o matou a sua impaciência e arrojado desejo, por que se me há de culpar o meu honesto proceder e recato?"*

Marcela desaparece na floresta. Dom Quixote levanta-se em sua defesa e ameaça qualquer homem que a siga. O enterro prossegue e Ambrósio propõe amargo epitáfio: *"Aqui jaz de um amador o pobre corpo gelado; foi ele um pastor de gado, perdido por desamor"*. Dom Quixote sai à procura de Marcela.

Capitulo XV

Em que se conta a desgraçada aventura que se deparou a Dom Quixote ao topar com uns desalmados iangüeses[5].

Conta o sábio Cide Hamete Benengeli que, após o enterro, Dom Quixote e Sancho Pança embrenharam-se no mesmo bosque onde tinham visto desaparecer a pastora Marcela, sem a encontrar. Topam, no entanto, com um grupo de arrieiros de Yanguas, que desfrutavam de um *"sítio mimoso de erva e água"*. Rocinante, atraído pelas éguas, *"sem pedir licença ao dono, deu o seu trotezinho algum tanto picadete, e foi declarar a elas a sua necessidade"*. As éguas, porém, o receberam *"com as ferraduras e à dentada"*. Dom Quixote, para vingar a honra de seu cavalo, arremete-se com Sancho Pança contra os arrieiros, que eram muitos, e acabam surrados impiedosamente. Os iangueses partem deixando *"aos dois aventureiros em pouco bom estado, e de estômago ainda pior"*. Dolorido pela pancadaria, Dom Quixote diz a Sancho nunca ter esperado tal comportamento de Rocinante, a quem tinha *"por pessoa casta",* e explica ao seu escudeiro ser normal na vida de um cavaleiro *"este temporal tamanho de pancadas que nos desabou nos espinhaços"* e assevera que *"as feridas que na batalha se recebem antes dão honra do que a tiram"*. Quando a dupla parte, Dom Quixote, estropiado, vai deitado sobre a mula de Pança.

Capítulo XVI

Do que sucedeu ao engenhoso fidalgo na venda que ele imaginava ser castelo.

Chegam a uma estalagem que Quixote julga ser um castelo. Sancho Pança explica que seu amo havia caído de um penhasco e que *"trazia algum tanto amolgadas as costelas"*. A mulher do vendeiro, muito caridosa, acode o fidalgo com ajuda de sua filha e da criada Maritornes, uma moça asturiana, *"torta de um olho e do outro pouco sã"*. Dom Quixote é instalado numa cama improvisada num sótão onde também dormia um arrieiro. Naquela noite, depois que os patrões já estavam dormindo, Maritornes foi encontrar-se com o arrieiro companheiro de quarto de Dom Quixote e quando ela chega, o herói, que *"com o dolorido das* (costelas) *tinha os olhos abertos, que nem lebre*", julga que se trata da filha do "castelão" que havia vindo para *"passar com ele um bom pedaço"*. Quando a moça passa ao lado de sua cama, Dom Quixote a agarra e lhe diz.

> **"***Quisera achar-me em termos, formosa e alta senhora, de poder pagar tamanha mercê como esta que me haveis feito com a vista da vossa grande formosura. Porém a fortuna, que se não cansa de perseguir aos bons, quis prostrar-me neste leito, onde me acho tão moído e*

[5] Nota do resumidor: Gente do povoado de Yanguas, que existe tanto na província de Soria e de Segóvia.

> *quebrantado, que, por maior vontade que eu tivesse de vos satisfazer, de modo nenhum o poderia. A esta impossibilidade acresce outra maior; e é a fé que tenho prometido guardar à sem-igual Dulcinéia Del Toboso, única senhora dos meus mais ocultos pensamentos. A não se me pôr isto diante, não seria eu cavaleiro tão sandeu, que deixasse fugir a venturosa ocasião que a vossa grande bondade me faculta"* (pág. 138)

Maritornes, *"aflitíssima e tressuando",* resiste ao abraço. O arrieiro aproxima-se e desfere *"tão terrível murro nos estreitos queixos do enamorado cavaleiro que lhe deixou a boca toda a escorrer em sangue"*. A confusão atrai o vendeiro, de nome João Palomeque, o Canhoto. Maritornes, com medo de ser vista naquele quarto pelo patrão, esconde-se na cama de Sancho Pança que, assustado e sem entender nada, *"começou a atirar punhadas para uma e outra banda, apanhando não sei quantas a Maritornes"*, que retribui a Sancho outras tantas. Na confusão *"o arrieiro dava em Sancho, Sancho na moça, a moça em Sancho, o vendeiro na moça"*. Quando a candeia se apagou, *"batiam sem dó todos para o monte, que onde quer que acertavam a mão não deixavam coisa sã"*.

Um quadrilheiro da Santa Irmandade presente na venda intervém e manda parar a briga. Como Dom Quixote estava *"de boca para o ar e sem sentidos",* julga-o morto.

Capítulo XVII

Em que prosseguem os inúmeros trabalhos que o bravo Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança passaram na venda, que o fidalgo por seu mal cuidara ser castelo.

Dom Quixote, razoavelmente recomposto, assegura a Pança que o castelo é encantado, confirma que a filha do "castelão" o havia vindo procurar e que estava com *"ela em dulcíssimos e amorosíssimos colóquios*", quando veio *"a mão de descomunal gigante"* e o presenteou *"nas queixadas com tal murro"* que, garante ao escudeiro, a moça deveria estar sob o feitiço de *"algum encantado mouro"*. Quando o oficial de justiça vem ver *"o suposto morto"* e, ao vê-lo vivo, o cumprimenta, Quixote, tomando-o pelo tal mouro encantado, o ofende: *"Se eu fosse vós..., havia de falar mais bem criado. É moda cá na terra tratarem-se assim os cavaleiros andantes, pedaço de madraço?"* O quadrilheiro, ofendido, levanta a candeia e dá com ela na cabeça de Dom Quixote, *"de sorte que a deixou muito bem escalavrada".*

Para curar aquele novo ferimento, Dom Quixote produz nova porção do bálsamo curativo e o bebe, vomitando tudo em seguida. Adormece durante três horas, ao cabo das quais acorda sentindo-se *"aliviadíssimo do corpo"* e julga de fato ter descoberto o bálsamo de Ferrabrás e que *"podia dali em diante meter-se em quaisquer rixas, pendências e batalhas, sem medo nenhum, por mais perigosas que fossem"*. Dom Quixote prepara-se para sair em busca de novas aventuras e agradece ao "cortesão", colocando-se à disposição dele para *"vingar os que recebem tortas e castigar aleivosias"*. O vendeiro, no entanto, só quer receber as despesas da estadia. Dom Quixote chama-o de *"sandeu e desastrado hospedeiro"* e parte indignado. Sancho, mais lento que o patrão e igualmente cobrado, explica ao vendeiro que também não pagará, com base nos velhos costumes que regem a hospitalidade aos cavaleiros. Quatro tosadores de Segóvia, três fabricantes de agulhas do Potro de Córdova e dois vizinhos da feira de Sevilha, por brincadeira, descem Pança do jumento e o atiram para o alto a *"divertir-se com ele como com um cão por festa do entrudo"*. Ao ouvir a farra, Dom Quixote volta e vê Sancho Pança *"subir e descer pelos ares com tanta graça e presteza, que para mim tenho* (comenta o narrador) *desataria de rir, se a raiva lhe consentira"*. Tendo o vendeiro ficado com os alforjes da dupla em desconto do que se lhe devia, Dom Quixote e Sancho Pança partem para novas aventuras.

Capítulo XVIII

Onde se contam as razões que passou Sancho Pança com o seu senhor Dom Quixote, com outras aventuras dignas de ser contadas.

Sancho Pança está aborrecido por ter levado tanta pancada e quer voltar para casa e cuidar da fazenda, *"deixando-nos de andar de Ceca em Meca, e de Herodes a Pilatos"*. Dom Quixote diz que nada há melhor do que vencer uma batalha. Pança o relembra de que não haviam vencido batalha nenhuma, exceto a do biscainho, e que dela saíra *"Vossa Mercê com meia orelha, e meia celada de menos; de então para cá tudo tem sido bordoada, murros e mais murros"*.

Dois rebanhos aproximam-se de direções opostas e Dom Quixote os confunde com dois exércitos de cavaleiros e ataca um deles, acreditando tratar-se do imperador Alifanfarrão, senhor da grande Trapobana e um *"pagão furibundo".* Sancho insiste que são pastores e ovelhas. Os agredidos reagem e começam a *"cumprimentar-lhe as orelhas com pedradas como punhos"*. Quixote pergunta: *"Onde estás, soberbo Alifanfarrão?"* Uma pedrada atinge-lhe a boca e quebra-lhe *"três ou quatro dentes"*. Quixote cai do cavalo e os pastores, pensando tê-lo matado, fogem.

Vendo aquela cena, Sancho Pança amaldiçoa a hora em que tinha se metido naquela empreitada e se lamenta: *"Não lhe pregava eu, Senhor Dom Quixote, que se tornasse atrás, e que os que ia acometer não eram exércitos, senão carneiradas?"* Quixote declara-se vítima de encantamentos e assevera que o rebanho logo transformar-se-á em homens novamente. Dom Quixote vomita o resto do bálsamo sobre Pança que, enojado, decide voltar sozinho à terra, mesmo perdendo *"as esperanças da prometida ilha"*. Quixote o dissuade:

> **" –** *Sabe, Sancho, que só quem faz mais que outrem é que é mais que outrem. Todas estas inclemências que nos acontecem sinais são de que breve se nos há de o tempo abonançar, e as coisas correr-nos melhormente, porque não é possível que nem o mal nem o bem sejam perduráveis."* (pág. 154)

Capítulo XIX

Das discretas razões que Sancho passava com seu amo e da aventura que lhe sucedeu com um defunto, e outros acontecimentos famosos.

À noite, a dupla encontra *"grande multidão de luzes, que não pareciam senão estrelas errantes"*. Eram cerca de vinte encamisados, *"todos a cavalo com suas tochas acesas na mão, após eles uma liteira coberta de luto"* a caminho de Segóvia. Julgando-os malignos de algum modo, Quixote interrompe a passagem e os desafia:

> **"***Parai, cavaleiros, quem quer que sejais, e dai-me conta de quem sois, de onde vindes, aonde ides, e que levais nas andas, que, segundo as mostras, ou vós outros haveis feito, ou vos hão feito a vós, algum desaguisado, e convém, e é mister, que eu o saiba, ou para vos castigar do mal que perpertrastes, ou para vos vingar da sem-razão que vos fizeram a vós."* (pág. 158)

Os viajantes insolentemente respondem não terem tempo para tantas perguntas e Dom Quixote os ataca. Os membros da comitiva julgam tratar-se do demônio querendo roubar o cadáver. Os sacerdotes com as tochas fogem. Na confusão, um dos enlutados, Alonso Lopes, cai e quebra a perna. Dom Quixote

apresenta-se como o cavaleiro cujo ofício e exercício é *"andar pelo mundo endireitando tortos, e desfazendo agravos"*. Alonso logo comenta: *"Não sei como pode ser isso de endireitar tortos, pois bem direito eu era, e vós agora é que me entortastes..."*. Enquanto conversavam, Sancho Pança *"andava ocupado em aliviar uma azêmola carregada de virtualhas, que os bons padres traziam"*.

Sancho Pança propõe que Dom Quixote seja também chamado *"o Cavaleiro da Triste Figura"*[6], por causa de sua aparência, afetada pelo *"cansaço deste embate, ou talvez a falta dos dentes queixais"*, com que Dom Quixote concorda.

Capítulo XX

Da nunca vista nem ouvida aventura que com tão pouco perigo foi acabada por famoso cavaleiro no mundo, como a que concluiu o valoroso Dom Quixote de la Mancha.

Procurando água, já sob noite fechada, Quixote e Sancho se alegram ao ouvir *"um grande ruído de água como a se despenhar-se de alguma penedia"*, mas também *"ouviram naquele fora de horas outro estrépito... um certo retinir como de ferros e cadeias, que, juntos ao furioso estrondo da água, que lhes fazia acompanhamento, poriam pavor a quem quer que não fora Dom Quixote"*. O cavaleiro monta Rocinante declarando:

> "*Sancho amigo, hás de saber que eu nasci, por determinação do céu, nesta idade de ferro, para nela ressuscitar a de ouro, ou dourada, como se costuma dizer. Sou eu aquele para quem estão guardados os perigos, as grandes façanhas, e os valorosos feitos."* (pág. 162)

Dom Quixote decide investigar heroicamente os estranhos ruídos e pede para Pança esperá-lo por três dias, após o que, se ele não voltasse, o escudeiro podia retornar à aldeia, não sem antes passar por Toboso e relatar a Dulcinéia que *"o seu cativo cavaleiro sozinho morreu"*. Sancho Pança está com medo de ficar sozinho e troca o cabresto de Rocinante pelo do seu asno. Dom Quixote não consegue fazer o cavalo andar com arreios tão apertados e decide ficar até o dia seguinte, aproveitando a noite para contar a história do pastor Lope Ruiz, da Estremadura, que andava apaixonado por uma pastora chamada Torralva... Chegado o amanhecer, Pança solta Rocinante e Dom Quixote, seguido por Sancho a pé, começa a procurar a origem dos ruídos apavorantes. Aproximam-se da catarata e descobrem que a *"causa única... eram seis maços de pisão*[7] *que alternavam os golpes com todo aquele estampido"*. Os dois ficam entre envergonhados e tentados ao riso. Incentivado pelo momento de descontração, Sancho rompe o impasse, imitando o amo com aquela conversa de *"idade de ouro"*, *"idade de ferro"* e *"valorosos feitos"*. Dom Quixote, ofendido, dá-lhe duas bordoadas e o censura pela indevida intimidade. Sancho diz ter a esperança de que os cavaleiros, depois de dar bordoadas nos servos, lhes dêem *"ilhas ou reinos em terra firme"*. Quixote o proíbe de lhe falar *"tanto"*, porque *"em quantos livros de cavalarias que tenho lido, e que são inumeráveis, nunca achei escudeiro que palrasse tanto com o seu senhor como tu com o teu"*. Sancho, por sua vez, quer saber quanto ganhava um *"escudeiro na época destes grandes cavaleiros"*. Dom Quixote garante-lhe tê-lo posto no seu testamento.

---

[6] Nota do resumidor: Por "triste figura" entende-se "face triste".
[7] Nota do resumidor: Maços de pisão são artefatos (tipo martelo), movidos pela água, para amassar e bater panos para torná-los mais consistentes.

Capítulo XXI

Que trata da alta aventura e preciosa ganância do elmo de Mambrino[8], com outras coisas sucedidas ao nosso invencível cavaleiro.

Aproxima-se um barbeiro portando na cabeça uma nova bacia de latão para se proteger da chuva. O fidalgo confunde a bacia com o elmo de Mambrino, atribuindo o achado à providência: *"uma porta se fecha, outra se abre"*. Sancho diz que poderia lhe mostrar o engano, se pudesse lhe falar, como era o seu costume.

O fidalgo ataca o barbeiro que cai do burro e sai correndo, largando ali o elmo (bacia) que pareceu muito grande quando Quixote o experimentou. Sancho insiste que é uma bacia e troca a albarda do burro abandonado pela do seu. Sancho queixa-se dos resultados até ali obtidos: *"que dia há que ando considerando quão pouco se ganha em andar buscando estas aventuras que Vossa Mercê espera por estes desertos e encruzilhadas..."* Dom Quixote fantasia em encontrar uma princesa e tornar-se rei quando o pai dela morrer e enobrecer Sancho Pança, tornando-o um duque e que *"só falta agora é saber que monarca dos cristãos e dos pagãos andará em guerra, e terá filha de tão extremada formosura"*.

Capítulo XXII

Da liberdade que Dom Quixote deu a muitos desditados que iam levados contra a sua vontade onde eles por si não quereriam ir.

Doze condenados acorrentados, conduzidos para as galés por quatro guardas, aproximam-se da dupla na estrada. Quixote quer saber dos seus crimes e cada um dá sua versão fantasiosa, corrigida imediatamente pelos guardas que os descrevem como os verdadeiros delinqüentes que de fato são. Um deles, o mais acorrentado, Ginés de Pasamonte, estaria escrevendo um livro sobre a sua vida. Depois de ouvir as histórias, Dom Quixote exige dos guardas a libertação por bem dos prisioneiros ou *"esta lança e esta espada com o valor do meu braço farão que por força o executeis"*. Não tendo sido atendido, o fidalgo avança sobre um comissário e *"dá com ele em terra malferido duma lançada"*. Aproveitando a confusão, os condenados dominam os guardas e se soltam. Dom Quixote pede a eles que, em agradecimento, procurem Dulcinéia em Toboso e lhe contem sua façanha. Os condenados debochadamente negam o pedido e os atacam a pedradas, despojando-os de seus bens.

> "*Ficaram sós o jumento e Rocinante, Sancho e Dom Quixote; o jumento, cabisbaixo e pensativo, sacudindo de quando em quando as orelhas, por cuidar que ainda não teria acabado o temporal das seixadas, que ainda lhe zuniam aos ouvidos; Rocinante, estendido junto do amo, pois também o derrubara outra pedrada; Sancho, desenroupado, e temeroso da Santa Irmandade; e Dom Quixote, raladíssimo, por se ver com semelhante pago daqueles mesmos a quem tamanho benefício tinha feito."* (pág. 192)

[8] Nota do resumidor: Trata-se do elmo encantado que Reinaldo de Montalbán, herói da canção de gesta homônima, tomou ao mouro Mambrino.

Capítulo XXIII

Do que aconteceu ao famoso Dom Quixote na serra Morena, que foi uma das raras aventuras que nesta verdadeira história se contam.

Sancho Pança teme que a Santa Irmandade, ao saber da libertação dos prisioneiros, os persiga e Quixote, em rara concordância com seu escudeiro, concorda em fugir para a região inóspita da serra Morena. No entanto, durante a noite, alguém, provavelmente Ginés de Pasamonte, rouba a mula de Sancho.

Chegando na serra, os dois viajantes percebem alguma coisa estranha no chão e desenterram uma bolsa onde encontram moedas de ouro e um caderno com anotações de um homem lamentando-se de falsas promessas amorosas. Perto deles, alguém corre seminu, pulando de pedra em pedra. Quixote suspeita que aquele seja o dono da mala e quer falar com ele, mas Sancho receia ter de devolver as moedas. Encontram também o cadáver de uma mula e um pastor que lhes conta ter chegado, montado nela, seis meses antes, um jovem que procurava penitência para seus pecados e que vivia de roubar e mendigar comida. Este homem teria atacado um pastor pensando tratar-se de alguém chamado Fernando. O misterioso jovem enfim apareceu e *"saudou-os com uma voz desentoada e rouca, porém com muita cortesia"*.

Capítulo XXIV

Em que prossegue a aventura da serra Morena.

O *"cavaleiro da Serra"*, que se chama Cardênio e é andaluz, de família rica, divide a comida com eles e conta sua história. Ele amava Lucinda, uma *"criatura celeste"*, e ela a ele, mas o pai dela, *"por ser cautela de boa prudência"* negou-lhe a freqüência à casa. Mesmo assim, continuaram a escrever-se cartas de amor, já que a *"pena é ainda mais livre que a fala para bem expressar mistérios do coração"*. O pai de Lucinda insistia em que o pedido da mão da filha deveria ser feito pelo pai do pretendente, mas este queria enviar Cardênio para junto do duque Ricardo, que o requisitara para acompanhar o *"filho morgado"*, Fernando. Cardênio, obedecendo o pai, tornou-se escudeiro do filho do duque que, tendo ficado íntimo dele, contou-lhe seu desejo de conquistar a virgindade de uma moça rica chamada Dorotéia. Tendo obtido seu objetivo, Fernando desinteressou-se por ela e, encantado com as descrições maravilhosas que Cardênio lhe fazia de Lucinda, *"nasceram nele apetites de conhecer donzela tão extremada"*. O relato conduz a conversa para as histórias de cavalaria e, quando Cardêmio critica a rainha Madásima[9], Quixote se enfurece e, para defender a dama, chama Cardênio para a briga, *"encarando-o muito atentamente, havendo-lhe já começado um dos seus ataques de loucura"*. O rapaz *"levantou um calhau, que achou a jeito, e deu com ele pelos peitos a Dom Quixote com tanta força, que o virou de costas"*. Sancho e o cabreiro tentam ajudá-lo, mas apanham também. *"Cardênio, vendo-o a todos três estendidos e moídos, deixou-os e se foi com airoso sossego embrenhar na montanha"*, sem terminar o relato.

[9] Nota do resumidor: Rainha Madásima é personagem do romance de cavalaria "Amadis de Gaula".

Capítulo XXV

Que trata das estranhas coisas que na serra Morena sucederam ao valente cavaleiro de la Mancha, e da penitência de Beltenebros.

Dom Quixote insiste em que é dever de todo cavaleiro defender a honra de todas as mulheres, sobretudo da rainha Madásima. Insiste em que, assim como o pintor que *"quer sair famoso em sua arte"* imita os *"originais dos melhores pintores de que há notícia"*, os cavaleiros devem imitar o melhor de todos os cavaleiros, Amadis de Gaula, *"que foi o norte, o luzeiro e o sol dos valentes e namorados cavaleiros".* Dom Quixote decide fingir enlouquecer de amor como Amadis havia feito quando *"se retirou, desprezado pela senhora Oriana, a fazer penitência na Penha Pobre, trocando o seu nome pelo de Beltenebros, nome por certo significativo e próprio para a vida que ele voluntariamente havia escolhido"*.

Dom Quixote decide mandar por Sancho Pança carta a Dulcinéia:

> "*Louco sou, e louco hei de ser até que me tornes com a resposta de um carta que por ti quero enviar à minha Senhora Dulcinéia; e se ela vier tal como lho merece a minha lealdade, acabar-se-ão a minha sandice e a minha penitência; e se for ao contrário, confirmar-me-ei louco deveras, e assim não sentirei nada."* (pág. 211)

Ao ser perguntado se guardara o elmo de Mambrino, Sancho aborrecido insiste em que se trata de uma bacia que ele espera levar para casa *"se Deus me fizer tanta mercê, que me torne ainda a ver com minha mulher e filhos"*. Quixote o censura:

> "*- Olha, Sancho, pelo mesmo que tu me juraste há pouco te rejuro eu – disse Dom Quixote – que tens o mais curto entendimento que nunca teve, nem tem, escudeiro do mundo. Pois é possível que, andando comigo há tanto tempo, ainda não tenhas reconhecido que todas as coisas dos cavaleiros andantes parecem quimeras, tolices e desatinos, e são ao contrário realidades?"* (pág. 212)

Quixote decidido a cumprir o plano de isolar-se na serra Morena como Amadis na Penha Pobre, libera Rocinante, sob protestos de Sancho Pança que, desprovido de seu jumento, não quer ir e voltar a Toboso a pé, porque *"é um fraco andarilho"*. Ao rascunhar a carta num livrinho para depois, em Toboso, tê-la transcrita elegantemente, Dom Quixote reconhece que Dulcinéia provavelmente não sabe ler, que nunca havia se encontrado com ela, *"porque os meus amores e os dela têm sido sempre platônicos"* e que só a vira à distância quatro vezes. Pança dá-se conta de que Dulcinéia é, na verdade, Aldonça Lourenço, que ele diz conhecer. O escudeiro a descreve ironicamente:

> "*- Bem a conheço – disse Sancho; - o que sei dizer é que atira tão longe uma barra como o mais alentado pastor daquele povo. Vive Deus, que é um raparigão de truz, direita e desempenada, e de cabelinho na venta, e que pode tirar as barbas de vergonha a qualquer cavaleiro andante ou por andar que a tiver por sua dama. Filha da mãe! que rija dos nós! que vozeirão! "* (pág. 216)

Dom Quixote contesta-o, dizendo que faz *"de conta que é a mais alta princesa do mundo"* e escreve o seguinte bilhete:

> "*Carta de Dom Quixote a Dulcinéia Del Toboso*
> *Soberana e alta senhora:*
> *O ferido do gume da ausência e o chagado nas teias do coração, dulcíssima Dulcinéia Del Toboso, te envia saudar, que a ele lhe falta. Se a tua formosura me despreza, se o teu valor me não vale, e se os teus desdéns se apuram com a minha firmeza, não obstante ser eu muito sofrido, mal poderei com esses pesares, que, além de muito graves, já vão durando em demasia. O meu bom escudeiro Sancho te dará inteira relação, ó minha bela ingrata, amada inimiga minha,*

> *do modo como eu fico por teu respeito. Se te parecer acudir-me, teu sou; e se não, faze o que mais te aprouver, pois com acabar a minha vida terei satisfeito à tua crueldade e ao meu desejo.*
> *Teu até à morte.*
> *O CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA"* (pág. 218)

Quando Sancho vai encilhar Rocinante, Quixote pede que, antes de partir, o escudeiro o veja *"nu em pelo"* fazendo disparates para ter o que contar realisticamente a Dulcinéia.

> "*E, despindo com toda pressa os calções, ficou em carnes, com roupas menores, e logo, sem mais nem menos, deu duas cabriolas no ar, e dois tombos de cabeça a baixo, descobrindo coisas que para não vê-las outra vez, voltou Sancho a rédea a Rocinante, e se deu por habilitadíssimo para poder jurar que o fidalgo ficava doido confirmado. Deixemo-lo seguir o seu caminho, até a volta, que pouco tardou."* (pág. 220)

Capitulo XXVI

Onde prosseguem as finezas que de enamorado fez Dom Quixote na serra Morena.

Tendo Sancho partido montado em Rocinante, Dom Quixote pensa se seria melhor imitar *"Roldão*[10] *nas loucuras desaforadas que fez, ou a Amadis nas melancolias"*.

> "*Nisto, ocorreu-lhe como o faria e rasgou uma grande tira das fraldas da camisa, que estavam penduradas, e deu-lhe onze nós, e um maior que os outros; isto lhe serviu de rosário, durante o tempo em que ali esteve, no qual rezou um milhão de ave-marias. "* (pág. 222)

Escreve também versos na areia em homenagem a Dulcinéia.

Enquanto isso, Sancho Pança, a caminho de Toboso, chega à venda de João Polomeque, temeroso de ser mandado *"outra vez pelos ares aos boléus"*. É imediatamente reconhecido por dois homens de sua aldeia, o cura Pedro Pérez e o barbeiro Mestre Nicolau que querem saber do paradeiro de Dom Quijana, sob pena de denunciá-lo como assassino e ladrão de cavalos.

Contando a história toda, Sancho dá-se conta de que havia perdido o "livrinho" com o rascunho da carta para Dulcinéia (sem saber que, na verdade, o fidalgo não o havia entregue). Sancho dita "de cabeça" a carta para o cura, incluindo no texto vários disparates. Depois de ouvir o relato de Pança, o cura concebe um plano para salvar Dom Quixote de sua penitência: o padre se vestiria de donzela andante, *"afligida e necessitada"*, e o barbeiro se vestiria de escudeiro, e iriam ambos procurar Dom Quixote e pedir-lhe que reparasse *"um agravo que um descortês cavaleiro lhe havia feito"*. Assim imaginam remover voluntariamente Dom Quixote de seu esconderijo e levá-lo *"a seu lugar",* onde se veria que remédio se poderia *"dar à sua estranha loucura"*.

[10] Nota do resumidor: Roldão é "Rolando", ou "Orlando".

Capítulo XXVII

De como saíram com sua intenção o cura e o barbeiro, com outras coisas dignas de ser contadas nesta grande história.

A mulher do vendeiro veste o cura de mulher e coloca no barbeiro uma barba postiça feita de rabo de boi ruivo. Os comerciantes contam ao cura as peripécias da dupla no seu estabelecimento. *"Mas apenas saiu da venda o cura, quando se sentiu entrado dum escrúpulo"* e decidiu trocar de personagem com o barbeiro, que se fantasiaria de mulher, embora meio a contragosto.

Enquanto procuram Dom Quixote no seu retiro, ouvem uma voz recitando poesia. É Cardênio que os intercepta e retoma a sua história, contando aos viajantes que Fernando, fingindo ajudá-lo, havia seduzido sua Lucinda e furtado sua *"única ovelha"* (que, aliás, ele ainda não possuía). Aproveitando a ausência de Cardênio, mandado maliciosamente fazer demorada compra de cavalos, Fernando pediu a mão de Lucinda para si e tendo o pai concedido, por tratar-se do filho do duque, o casamento seria realizado quase imediatamente. Quando Cardênio conseguiu finalmente voltar de sua missão-armadilha, encontrou a noiva indo para o altar. Lucinda disse "sim" e desmaiou nos braços da mãe. Cardênio fugiu desesperado, antes de ver que no bolso da noiva havia sido encontrada uma carta. E foi assim que Cardênio havia acabado naquelas lonjuras, no *"mais bravio destas serras"*.

Capítulo XXVIII

Que trata da nova e agradável aventura sucedida na mesma serra ao cura e ao barbeiro.

Aparece uma moça (mal) disfarçada de *"mancebo entrajado à lavradora"*. Desmascarada por seus longos cabelos, *"que bem puderam aos do sol fazer inveja"*, ela conta sua história: vem de uma família de posses, mas vassala de um duque que tem dois filhos, o mais velho chamado Fernando, que lhe declarara amor. Uma noite, tendo subornado os criados, Fernando havia vindo ao seu quarto, e ela lhe disse que era sua vassala, não sua escrava. Ele prometeu desposá-la em nome da cruz, tendo o céu por testemunha. Ela acabou cedendo. Ele lhe deu um anel e saiu às pressas, só retornando uma vez.

Mais tarde ela ouvira falar que Fernando se casara com Lucinda. Para investigar, disfarçou-se de pastor e dirigiu-se à cidade de Lucinda, onde confirmou a história e ficou sabendo que havia sido encontrada com a noiva uma carta em que Lucinda declarava já ser casada com Cardênio. A noiva havia desaparecido.

Por sua vez, a família da "pastora" achava que ela havia fugido para casar. Na viagem, conta ela, seu escudeiro havia tentado se aproveitar dela e ela o havia empurrado num precipício. O pastor que a havia contratado havia descoberto que ela era mulher e também estava tentando tirar vantagem dela e, por isso, ela havia fugido para o mato, onde tinha estado até encontrar aquela comitiva.

Capítulo XXIX

Que trata do gracioso artifício e ordem que se teve em tirar o nosso namorado cavaleiro da muito áspera penitência em que se havia posto.

A moça está envergonhada. Cardênio a reconhece como sendo Dorotéia e revela seu arrependimento por não ter ficado até o fim do casamento, quando seria encontrado o bilhete escondido. Cardênio agora sabe que Lucinda não pode ficar com Fernando, porque Fernando já pertencia a Dorotéia e propõe-lhe trabalharem juntos para ambos obterem seus respectivos amores de volta.

Quando contam o plano para resgatar Dom Quixote, Dorotéia voluntaria-se para fazer o papel de donzela necessitada e *"melhor que o barbeiro"*, já que ela também havia lido muitos romances de cavalaria. Sancho volta e os conduz a Dom Quixote, que está em mangas de camisa. A moça teatralmente lhe suplica ajuda, dizendo que é a princesa Micomicona do reino de Micomicón na Etiópia e que um *"mandrião de um gigante"* usurpara o seu reino.

> "- *Outorgado –respondeu Dom Quixote; - e assim podeis, senhora, perder de hoje para sempre a melancolia que vos fatiga, e fazer que a vossa esmorecida esperança recobre novos brios e força, que com a ajuda de Deus, e a do meu braço, cedo vos vereis restituída ao vosso reino, e sentada no trono do vosso vasto e antigo Estado, e pesar e despeito de quantos velhacos vos pretenderem empecer; e mãos à obra, que bem se diz que no tardar costuma estar o perigo".* (pág. 254)

O grupo decide partir na direção do reino de Micomicón. Quixote reconhece o cura e fica muito espantado em vê-lo. A barba postiça do barbeiro, que quase não se agüentava de vontade de rir, cai e ele a recompõe. O padre mente ao fidalgo dizendo que sua fama não pára de crescer, mas Dom Quixote despreza toda a forma de lisonja: *"Basta de louvores, ..., sou inimigo de todo o gênero de adulações"*. O padre e o barbeiro contam a Dom Quixote que eles haviam sido assaltados por malfeitores *"que lhe tiraram até as barbas"*. O cura faz notar que os tais assaltantes teriam sido libertados por um *"doido, ou então tão patife como eles"*, mas o fidalgo não reconhece sua participação no episódio.

Capítulo XXX

Que trata da discrição da formosa Dorotéia, com outras coisas e muito sabor e passatempo.

Dom Quixote nega sua responsabilidade na libertação dos prisioneiros. A "princesa" conta-lhe sua história: ela é filha de Tinácrio, o Sábio e da rainha Jaramilha. Suas desventuras começaram quando *"um descomunal gigante, senhor de uma grande ilha, ...chamado Pandafilando da Fosca Vista"*, havia decidido casar com ela e apoderar-se do seu reino. Desesperada, ela saíra para buscar a ajuda de um grande cavaleiro conhecido como "Dom Açote" ou "Dom Gigote"... Sancho intercede: *"Talvez dissesse 'Dom Quixote' -- , ou por outro nome, o Cavaleiro da Triste Figura."* Continuando a encenação, ela conta ter aportado em Osuna, mas quando Dom Quixote repara que Osuna não é porto de mar, o cura corrige para Málaga, com que ela imediatamente concorda. A "princesa" também conta que o seu pai havia prometido sua mão e seu reino ao cavaleiro que matasse o gigante. Dom Quixote declara já estar comprometido com Dulcinéia. Sancho Pança, sinceramente desapontado, censura seu amo: *"Juro e rejuro por vida minha que não tem Vossa Mercê, Senhor Dom Quixote, o juízo inteiro. Pois como é possível pôr Vossa Mercê em dúvida casar-se com tão alta princesa como esta?...É porventura mais formosa a minha senhora Dulcinéia?"* (Na verdade, Sancho teme pelo futuro de seu reinado, cada vez mais distante). Dom Quixote dá-lhe imediatamente duas bordoadas e só pára porque Dorotéia intervém.

> *"-Pensas, vilão ruim – lhe disse passado pouco -, que hei de estar sempre para te aturar, e que tudo há de ser tu a despropositares, e eu a perdoar-te? Pois não o cuides, maroto excomungado, que o és sem dúvida nenhuma, pois te atreveste a por língua na sem-par Dulcinéia, Não sabíeis vós, mariola, faquim, biltre, que, se não fosse pelo valor que ela infunde no meu braço, eu por mim nem matava uma pulga?"* (pág. 264)

Sancho esconde-se atrás do burrico do padre e de lá discute à distância o assunto com o fidalgo. Acabam por se reconciliar e Dom Quixote lhe cobra notícias de sua amada, a quem Sancho fora incumbido de levar a tal carta.

Antes de Sancho poder relatar, aparece o delinqüente Ginés de Pasamonte e Sancho logo infere que *"a cavalgadura era o seu ruço"*. Sancho avança sobre ele e Ginés, largando o burrico, dá no pé imediatamente. O escudeiro abraçava seu asno e *"beijava-o e acariciava-o como se fosse gente"* e *"o asno deixava-se beijar e acarinhar, sem responder meia palavra."*

Dom Quixote insiste em que seu escudeiro conte *"sem medos a enfadamentos"*, como havia sido o "encontro" com a sua Dulcinéia e como tinha sido sua reação à carta. Sancho diz que não levara carta nenhuma, com o que o fidalgo concorda, confirmando que havia se esquecido de a entregar.

Capítulo XXXI

Das saborosas conversações que houve entre Dom Quixote e Sancho Pança, seu escudeiro, com outros sucessos.

Dom Quixote especula sobre o encontro: *"Aposto que a achaste a enfiar pérolas, ou bordando alguma empresa com canotilho de ouro, para este seu cativo cavaleiro"*, mas Sancho continua a mentir sobre o "pretenso" encontro com Dulcinéia. Inventa que a encontrara a *"joeirar duas fangas de trigo num pátio da casa"*, que ela não havia perguntado nada, que cheirava a homem, *"provavelmente por estar suando e enrilhada"*, que não havia lido a carta, que ele ditara de cabeça ao transcrevedor, por não saber ler e a havia rasgado *"em migalhinhas, dizendo que não a queria dar a ler a ninguém"* e que havia implorado para Dom Quixote sair *"daqueles matagais e se deixasse de fazer descocos e se pusesse logo a caminho de El Toboso"*.

Dom Quixote está surpreendido com a rapidez com que Sancho voltara e imagina que um feiticeiro tenha interferido: *"Algum sábio amigo te levou em bolandas sem tu o sentires"*. Dom Quixote hesita entre ir ver Dulcinéia e ajudar Dorotéia e pede o parecer de Sancho, mas o escudeiro está cansado de mentir e, ademais, nunca vira Dulcinéia em toda a sua vida.

Aparece André, o rapaz surrado pelo patrão, que Dom Quixote havia tentado ajudar nas suas primeiras andanças. Ao vê-lo, o fidalgo o exibe e gaba-se de sua ação: *"Para que Vossas Mercês vejam que importante coisa é haver cavaleiros andantes no mundo..."* André, no entanto, conta que o negócio havia saído *"às avessas"* porque depois da partida do fidalgo, não só ele não havia sido pago, como tinha apanhado muito mais ainda, e que o seu patrão, *"a cada açoite que me dava me dizia uma chufa para Vossa Mercê, com tanta graça, que, se não fossem as dores, até eu me riria de o ouvir."* Apesar das promessas de Dom Quixote de reparar o desaforo, o jovem parte com um pedido:

> *"- Se me tornar a encontrar, senhor cavaleiro andante, ainda que veja que me estão fazendo pedaços, por amor de Deus não me acuda, deixe-me com a minha desgraça, que nunca ela será tanta como a que poderia acarretar o socorro de Vossa Mercê, a quem Nosso Senhor maldiga e a todos quantos cavaleiros andantes tiverem nascido neste mundo".* (pág. 275)

Capítulo XXXII

Que trata do que sucedeu a todo o rancho de Dom Quixote

O grupo chega novamente ao albergue de João Polomeque, o barbeiro tira a barba postiça e reconta a história do assalto dos malfeitores libertos. Dom Quixote dorme e ronca estrepitosamente. Os outros discutem a estranha loucura do fidalgo, que só se manifesta em assuntos de cavalaria, sendo ele completamente são nos outros. Todos discutem histórias de cavalaria e o vendeiro apresenta seus livros do gênero. O cura quer queimá-los, porque *"são mentirosos e estão cheios de disparates e delírios"*. Como o vendeiro defende veementemente a realidade das obras, Dorotéia diz em voz baixa a Cardênio: *"Pouco falta ao nosso hospedeiro para fazer a segunda parte de Dom Quixote"*. O cura insiste em que *"toda esta coisa são invenções e brincos de engenhos ociosos."* O vendeiro, inconformado, tira *"uns oito cadernos escritos"* e começa a contar a *"Novela do Curioso Impertinente"*.

Capítulo XXXIII

Onde se conta a Novela do Curioso Impertinente

A *"novela do curioso impertinente"* trata dos recém-casados Anselmo e Camila. O melhor amigo de Anselmo chama-se Lotário, que havia sido *"mensageiro da embaixada"* aos pais da noiva. Para testar a fidelidade de sua mulher, Anselmo pede a Lotário que tente seduzi-la. O amigo recusa-se e coloca-se contra o plano, dizendo que a mulher é como um maravilhoso diamante que não se deve tentar quebrar *"para provar se era tão rijo e perfeito como se dizia"*, e que não se deve encurralar um arminho com sujidades, porque ele *"se deixa apanhar só pelo medo e horror de se enxovalhar"* etc. Seria uma ignomínia até mesmo empreender tal teste, até porque uma mulher desonrada desonraria o próprio marido. Anselmo insiste muito e Lotário acaba concordando em participar. O plano consistia em Anselmo viajar por uma semana, deixando seu amigo na sua casa. Camila está infeliz e inconformada com a viagem do marido e a presença de Lotário que, sozinho com ela, começa a notar sua beleza, luta contra seus desejos e finalmente faz um avanço.

Capítulo XXXIV

Em que prossegue a Novela do Curioso Impertinente

Camila escreve uma carta angustiada ao marido, dizendo que, pior que exército sem general, é *"mulher casada e moça sem o seu marido ao pé"*. A jovem esposa lhe pede que volte, dizendo que Lotário está querendo tirar vantagem dela. Ele se recusa a voltar e ela pensa se, de alguma maneira, teria encorajado Lotário, a quem ela finalmente se entrega. Quando Anselmo volta, Lotário mente dizendo que Camila havia passado no teste; ela confirma ao marido a lealdade de Lotário e diz ter exagerado na carta de *"pedido de socorro"*. Anselmo, ainda insatisfeito, quer continuar com o teste e pede ao amigo que envie poesias a sua mulher. Camila confessa toda a verdade a sua criada Leonela que, por ter ela mesma um amante secreto, compreende e apóia o comportamento da patroa, até para poder trazer seu próprio amante escondido para a casa. Um dia Lotário vê o amante de Leonela saindo escondido e supõe que seja outro amante de Camila. Abalado com a *"traição"*, Lotário conta a Anselmo *"que a fortaleza de Camila já está rendida a quanto eu dela pretender"*. Neste meio tempo, Camila confidencia a Lotário que sua empregada traz um amante para dentro de casa e ele percebe a confusão que fizera. Conta à amante o que havia dito ao marido, ela o censura e monta um plano para remediar a situação.

No dia seguinte, Anselmo, orientado por Lotário, esconde-se para observar sua mulher. Camila reclama do assédio e finge tentar o suicídio com uma adaga. Manda Leonela chamar Lotário que finge que ela ainda resiste aos seus avanços. Camila diz que fará o sacrifício por fidelidade e como que ataca Lotário. Em seguida, fere-se a si mesma levemente. Anselmo intervém e convence-se da fidelidade da esposa, pelo menos por uns meses.

Capítulo XXXV

Em que se trata da grande e descomunal batalha que teve Dom Quixote com uns odres de vinho tinto, e se dá fim à Novela do Curioso Impertinente.

A história é interrompida por Sancho Pança, que vem avisar que Dom Quixote havia atacado um gigante e arrancado sua cabeça, mas o vendeiro esclarece que o fidalgo havia agredido, na verdade, um barril de vinho e espalhado seu conteúdo pelo chão. Justificando o ato, Quixote diz a Dorotéia que ela já pode viver mais segura, *"porque já não lhe pode causar prejuízo esta malnascida criatura"* Todos morrem de rir, menos o casal de vendeiros que, acumulando prejuízos, amaldiçoam cavaleiros em geral: *"Que má ventura lhe dê Deus a eles e a quantos aventureiros haja neste mundo"*. O cura (e depois Cardênio) responsabiliza-se pelos prejuízos.

A história de Anselmo e Camila continua. Anselmo vive convicto da fidelidade de sua mulher, enquanto ela e Lotário continuam mantendo um caso. Leonela também. Uma noite, Anselmo surpreende o amante de Leonela, a ameaça e ela negocia com ele, prometendo fazer grande revelação. Quando Camila fica sabendo da possibilidade de ser descoberta, decide fugir com Lotário levando suas jóias. Anselmo, ao saber da fuga da mulher, tem uma crise e morre vítima da própria curiosidade impertinente, mas antes deixa nota perdoando Camila. Lotário morre na guerra e Camila morre logo em seguida num convento.

O cura continua achando que a história era inventada e, assevera que, sendo fingida, *"o autor fingiu mal, porque na verdade não se pode imaginar que tenha havido no mundo um marido tão parvo, que quisesse fazer uma experiência como a que fez Anselmo..."*

Capítulo XXXVI

Que trata de outros sucessos raros que na estalagem sucederam.

Dom Fernando chega na estalagem com outros homens e uma mulher vestida de branco e soluçando. Trata-se de Lucinda que havia sido resgatada de um convento por Fernando. Dorotéia a consola e, quando Lucinda vê Cardênio, agradece ao céu tê-la trazido a seu verdadeiro marido. Dorotéia diz a Fernando que, como ele a possuíra, ela era sua mulher legalmente e que ele não poderia ter Lucinda, lembrando-o das testemunhas celestes que ele mesmo invocara. Fernando libera Lucinda e reconhece Dorotéia como sua legítima mulher, abraçando-a. Deseja também felicidades a Cardênio e Lucinda e todos ficam felizes, exceto Sancho Pança que se dá conta, com tristeza, de que a moça não era a princesa Micomicona. Fernando relata como havia raptado Lucinda do convento, com o objetivo de vingar-se dela e de Cardênio.

Capítulo XXXVII

No qual se prossegue com a história da famosa infanta Micomicona, com outras graciosas aventuras.

Sancho Pança acompanhara a história *"com grande dor na alma"*, porque *"repentinamente se lhe desfaziam e tornavam em fumo as esperanças bem fundadas que tinha de seus futuros aumentos, pois não era a linda princesa de Micomicão senão simplesmente a lavradora Dorotéia, o gigante não passava de Dom Fernando..."* Dom Quixote, por sua vez, atribui tudo a encantamentos. Enquanto isso, o cura conta aos recém-chegados as circunstâncias em que Dom Quixote havia sido trazido para ali da serra Morena. Fernando e Dorotéia concordam em continuar com a farsa, a fim de levá-lo de volta para casa.

Sancho Pança comunica a Dom Quixote que a princesa Micomicona *"havia sido aniquilada"*, porque, apesar de ser uma rainha, havia sido transformada numa *"donzela particular".* O fidalgo julga ter sido tal bruxaria obra do *"nigromante pai* (dela)*"*, receoso de que ele, Dom Quixote, não prestasse o devido auxílio. A princesa Micomicona insiste que ela é a mesma pessoa e Dom Quixote passa tremenda descompostura em Sancho Pança:

> *"- Agora te digo eu, meu Sanchuelo, que és o velhaquinho mais descarado de toda a Espanha: dize-me, ladrão vagabundo, não me asseguraste, ainda há pouco, que esta princesa se havia mudado em uma donzela chamada Dorotéia, e que a cabeça que cortei ao gigante, era a pata que te pôs, isto junto com outros disparates tais, que me puseram na maior confusão pela qual hei passado em todos os dias da minha vida?"* (pág. 326)

Sancho concorda em ter se enganado em relação à princesa, mas não em relação ao gigante confundido com um barril de vinho.

Chega novo viajante à estalagem. É o capitão Rui Pérez de Viedma, antigo prisioneiro dos mouros que vinha de Argel trazendo formosa mulher árabe, Lela Zoraida, *"a quem todos se renderam ao desejo de servir e de animar"*. Zoraida não fala espanhol, mas seu marido assegura a todos que ela iria batizar-se logo e que já havia até adotado o nome de Maria, passando a chamar-se Marien.

À noite, Dom Quixote faz longas considerações sobre os méritos relativos das carreiras de letras e armas, favorecendo a de armas, porque ambas requerem a mesma força de espírito, mas o objetivo da carreira de armas é mais nobre, porque *"consiste em assegurar a paz, que é o maior bem que os homens podem nesta vida desejar."* Os argumentos do fidalgo são tão lógicos e cristalinos que *"nenhum dos que o escutavam podia persuadir-se que na realidade ele estava louco"*.

Capítulo XXXVIII

Em que se trata do curioso discurso que fez Dom Quixote sobre as armas e as letras.

Dom Quixote continua a defender a superioridade das armas sobre as letras, dizendo que a vida de armas é mais dura e está sob contínuo risco. Também lamenta o advento de novas armas capazes de matar à distância (a pólvora e o chumbo), lembrando os bons dias do combate cavalheiresco. Dom Fernando pede ao ex-cativo Rui que lhes conte sua história.

Capítulo XXXIX

Onde o cativo conta a sua vida e sucessos.

Rui conta que seu pai havia dividido o seu patrimônio entre seus três filhos. Ele, o mais velho, decidiu servir o rei na guerra (como Cervantes havia feito), o segundo havia partido para a América e o mais novo havia se tornado religioso. Ele relata as aventuras militares que havia vivido, culminando na batalha de Lepanto em 1571 contra os turcos, sob o comando de Dom João d'Áustria (como Cervantes). Os turcos haviam sido vencidos, mas ele foi o único da sua companhia a ser capturado ao pular para o barco inimigo, ficando prisioneiro e *"cheio de feridas"*, sob o poder de Uchali (renegado), rei de Argel. Colocado nas galés sarracenas, Rui acompanhou muitos acontecimentos militares no Mediterrâneo nos anos que se seguiram, sobretudo a conquista turca do forte (goleta) perto de Túnis, quando os espanhóis foram vencidos e, entre eles, menciona o cativo Dom Pedro de Aguilar, soldado-poeta de muita valentia, nome reconhecido por um dos membros da comitiva de Dom Fernando como sendo de seu irmão.

Capítulo XL

Na qual prossegue a história do cativo

O irmão de Aguilar recita alguns sonetos do soldado-poeta e depois o cativo recomeça sua história, contando que, depois da morte de seu senhor, que lhe era bom, havia sido entregue a Azan Agá (o mesmo que havia sido dono de Cervantes), agora rei de Argel, *"um renegado veneziano, que foi o mais cruel de quantos renegados existiram"*. Por causa da crueldade daquele homem, Rui tinha tentado escapar muitas vezes, até ser finalmente encarcerado numa prisão em Argel chamada *"banho"*, em que se metiam cristãos e criminosos em geral e onde, além de horrores de toda a espécie, teria conhecido *"um soldado espanhol chamado fulano de tal Saavedra"*. O cativo completa: *"Se o tempo mo permitisse, eu contaria algumas das aventuras deste soldado, com as quais vos entreteria e vos faria admirar muito mais que com a narração da minha história"*.

Certo dia, Rui e três companheiros percebem uma *"mão branca como a neve"* lhes acenando com um pano na ponta de uma cana, por uma das frestas da casa de um mouro rico, Agi Morato, que morava ao lado da prisão. Os homens se aproximaram, mas apenas para Rui a cana foi baixada e, dentro do pano havia moedas de ouro, uma cruz e um bilhete em árabe que, traduzido em seguida por um renegado espanhol ali preso, era de uma mulher, Zoraida, que tinha tomado conhecimento da *"zalá cristã"* (oração) por uma criada que lhe havia falado da Lela Marien (Nossa Senhora). No bilhete, Zoraida pedia a Rui que a levasse para a terra dos cristãos e que a esposasse se quisesse, mas sem que o seu pai o saiba, porque *"a lançaria logo a um poço e a cobriria de pedras."* Rui percebe nisso um meio de escapar e concorda. Pelo mesmo método, ela lhe manda moedas todos os dias e, com este dinheiro, Rui pôde pagar a liberdade para si e seus amigos e combina de se encontrar com Zoraida no palácio do seu pai para combinar a fuga, enquanto o renegado, que havia traduzido o bilhete de Zoraida, consegue uma *"magnífica barca, com capacidade para nela se acomodarem mais de trinta pessoas."*

Capítulo XLI

No qual o cativo ainda continua sua história.

O barco encosta perto dos jardins da propriedade de Agi Morato, pai de Zoraida. Rui encontra o velho Morato no jardim e diz em língua franca que é escravo de Arnaute Mami (o pirata que aprisionou Cervantes) e que procurava ervas para fazer salada. *"Neste tempo saiu da casa do jardim a bela Zoraida"* e

ele lhe diz em código que partiriam no dia seguinte, que ele não era casado e que tinha planos de casar com uma moça exatamente como ela. A cena é interrompida pela invasão de quatro turcos que, *"saltando os muros, tinham entrado no jardim e andavam a tirar a fruta ainda verde"*. O velho, com temor dos turcos, *"porque é geral e quase natural o temor que os mouros têm dos turcos"*, manda a filha entrar. Antes de ela o fazer, Rui aproxima-se e eles conversam de perto. Quando o velho percebe aquela intimidade, ela finge um desmaio e Rui a acode. Morato o convida a voltar outras vezes, sem o temer, uma vez que ele é cristão.

Na hora da fuga, o velho percebe Rui e o renegado raptando a filha e reage. Agi Morato é amarrado, amordaçado e trazido a bordo. Zoraida fica com o coração partido ao ver seu pai tratado daquela maneira. A moça, que usa suas melhores roupas e melhores jóias, é severamente tratada pelo pai, quando o renegado revela que ela estava indo de livre e espontânea vontade. O velho tenta escapar pulando na água, mas é recapturado. Acaba deixado na margem com o resto da tripulação moura. Agi Morato, da praia, implora à filha que volte. Continuam a viagem, mas o barco é atacado por corsários franceses *"que nada poupam"*. Os piratas afundam o navio e os saqueiam, mas não levam as jóias de Zoraida, que o renegado havia atirado ao mar. Metidos numa barca com *"dois barris de água e algum biscoito"* foram deixados à deriva, até dar na costa da Espanha, onde são inicialmente confundidos com mouros invasores. Desfeito o engano, são bem recebidos. O renegado toma o caminho de Granada, onde buscaria reintegração apresentando-se ao Santo Ofício.

Capítulo XLII

Em que se trata do mais que sucedeu na estalagem, e de outras muitas coisas dignas de ser conhecidas.

Dom Fernando oferece o Marquês, seu irmão, como padrinho de batismo de Zoraida. Naquela mesma noite chega um ouvidor[11], João Pérez de Viedma, acompanhado de sua filha Clara, *"uma donzela, ao parecer de dezesseis anos, com vestido de jornada, e tão bizarra, galharda e formosa, que, ao vê-la, todos ficaram admirados..."*. Dom Quixote recebe-o, dizendo:

> *"- Pode Vossa Mercê entrar com segurança e passear por este castelo, pois que ainda que seja estreito e de poucos cômodos, nunca há estreiteza e falta deles no mundo que não dê lugar às armas e às letras, mormente se as armas e as letras trazem por guia e escudo a formosura, como a trazem as letras de Vossa Mercê na pessoa desta formosa donzela, diante da qual, para que passe, não só devem abrir-se e patentear-se todos os castelos, mas também devem desviar-se as rochas, e as montanhas dividir-se e abaixar-se. Entre Vossa Mercê neste paraíso, que achará aqui igualmente bem representadas as armas e a peregrina formosura."* (pág. 368)

O cativo reconhece o visitante. É um de seus irmãos que não via há muito. Eles festejam o reencontro. O casal de noivos segue para Sevilha.

"Estava quase a romper a aurora, quando chegou ao ouvido das damas uma música suave". Era um *"moço de mulas"* que cantava com tanta emoção que as encantava.

[11] Nota do resumidor: "Ouvidor" é uma espécie de juiz.

Capítulo XLIII

Onde se conta a agradável história do moço das mulas com outros estranhos sucessos na estalagem acontecidos.

O moço das mulas canta, na verdade, para senhora Clara de Viedma. Ele é, na verdade, um jovem rico disfarçado e enamorado dela. Ela também o ama e conta a Dorotéia que *"ele é filho de um fidalgo, natural do reino de Aragão, senhor de dois lugares, que vivia na corte defronte da casa de meu pai"*. Relata também que o rapaz, *"que é grande estudante e poeta"*, seguia a comitiva do pai dela disfarçado de moço de mulas. Clara teme que o seu pai o descubra e *"venha no conhecimento de nossos desejos"*.

Enquanto isso, Maritornes e a filha do vendeiro pregam uma peça em Dom Quixote: o fidalgo, ao passar pela lateral do prédio montado em Rocinante, estendera a mão para dentro de uma fresta, atendendo a um pedido daquelas damas. Rapidamente elas amarram a mão de Quixote dentro da fresta e vão embora *"a morrer de riso"*. Quando o fidalgo percebe a mão presa, atribui o fato à magia e ali fica até a manhã seguinte, meio montado em Rocinante, meio pendurado na fresta. Chegam quatro homens a cavalo, *"mui bem-postos e trajados"*. Quando encontram o fidalgo pendurado pelo braço, o confundem com o estalajadeiro e são xingados por Dom Quixote, por não acreditarem que ali havia um castelo. O fidalgo os censura: *"Sabeis pouco do mundo, visto que ignorais os casos que costumam acontecer na cavalaria andante."*

Capítulo XLIV

Onde prosseguem os inauditos sucessos da venda.

Maritornes solta Dom Quixote. Os viajantes estavam à procura de Dom Luís, o rapaz disfarçado de guiador de mulas. Descoberto, o jovem é intimado a voltar para casa, mesmo que seja à força. O rapaz não quer deixar Clara e ameaça: *"Isso o não faríeis vós, senão matando-me primeiro, ainda que, de qualquer modo que me leveis, sem vida sempre eu irei"*. O ouvidor, pai de Clara, entra na discussão e, ao ver que se trata do vizinho, quer saber: *"Que criancices são estas, senhor Dom Luís, ou que motivos tão poderosos que os obrigam a vir desta maneira, com trajo que diz tão mal com a vossa qualidade?"*

Enquanto isso, na saída do "castelo", o vendeiro toma tremenda surra de dois hóspedes que tentavam sair sem pagar, por discordar da conta. Dom Quixote é chamado a intervir e pede à Dorotéia (princesa Micomicona) que o libere para atender a emergência do *"castelão daquele solar"*. Ao chegar à cena, Dom Quixote detém-se, alegando não poder pelejar contra quem não for cavaleiro e convoca Sancho Pança.

No outro lado, Dom Luís, pressionado, finalmente conta ao ouvidor estar apaixonado por Clara e pede que ele o receba logo *"por filho"*. O magistrado, confuso e admirado, solicitou ao rapaz *"que então sossegasse, que entretivesse os seus criados para que não o levassem naquele dia, e que ele houvesse tempo para considerar o que a todos ficaria melhor."*

Dom Quixote havia finalmente intercedido na briga, convencendo os hóspedes a pagarem a conta. Neste momento, o *"demônio, que não dorme"* fez entrar na venda o barbeiro de quem a dupla havia tomado a bacia, confundindo-a com o elmo de Mambrino, que reconhece a dupla: *"Ah, Dom Ladrão, que aqui vos apanho; venha a minha bacia e a albarda, e o aparelho que me roubastes."*

Capítulo XLV

Onde se acaba de verificar a dúvida do elmo de Mambrino e da albarda. E de outras aventuras sucedidas, e com toda a verdade.

Começa uma discussão entre o barbeiro e o fidalgo, envolvendo também o cura, Mestre Nicolau, Cardênio e Dom Fernando, que, surpreendentemente, concordam com Dom Quixote em aqueles objetos não serem bacia e albarda, mas elmo e jaez de cavalo. Para os que ignoravam de quem se tratava, aquilo *"parecia o maior disparate do mundo"* e pareceu também a três membros (quadrilheiros) da Santa Irmandade, ali presentes, que interferem na questão, dizendo que todos estão bêbados *"como um cacho"*. O fidalgo se irrita:

> *"- Mentis como um velhaco e um vilão – respondeu Dom Quixote.*
> *E levantando a lança, que nunca largava das mãos, descarregou-lhe tal golpe na cabeça, que, se o quadrilheiro não se desviasse, deixara-o ali estendido; a lança fez-se pedaços no chão, e os outros quadrilheiros, que viram maltratar o seu camarada, ergueram a voz pedindo auxílio à Santa Irmandade."* (pág. 389)

Começa uma briga generalizada, uns ao lado e outros contra Dom Quixote. Entre os que não brigavam, *"o cura bradava, gritava a vendeira, a filha afligia-se, Maritornes chorava, Dorotéia estava confusa, Lucinda suspensa e Clara desmaiada."* O cura e o ouvidor finalmente conseguem apaziguar o grupo. Dom Fernando, combinado com o ouvidor, comunica aos empregados do pai de Dom Luís que solicitava permissão para levar o filho à Andaluzia, *"onde pelo marquês seu irmão seria estimadíssimo"*.

Quando tudo parecia resolvido, um dos quadrilheiros lembra que trazia um mandado de prisão contra Dom Quixote, por causa da libertação dos condenados às galés, *"como Sancho, com muita razão, temera"*. O mandado parece real e o quadrilheiro pede ajuda aos presentes, indecisos, para prender Dom Quixote, mas ele alega ser imune a qualquer autoridade judicial:

> *"- Vinde cá, gente soez e malcriada: chamais assaltar nas estradas dar liberdade aos algemados, soltar os presos, socorrer os míseros, levantar os caídos, remediar os necessitados? Ah! Gente infame, dignos, por vosso baixo e vil entendimento, de que o céu vos não comunique o valor que se encerra na cavalaria andante, nem vos dê a entender o pecado e ignorância em que estais, não reverenciando a sombra, quanto mais a presença de qualquer cavaleiro andante! Vinde cá, ladrões de quadrilha, e não quadrilheiros, salteadores com licença da Santa Irmandade, dizei-me, quem foi o ignorante que assinou mandado de prisão contra um cavaleiro tal como eu sou? Quem era esse que não sabia que são isentos de todo foro judicial os cavaleiros andantes, e que sua lei é a sua espada, foros os seus brios, pragmáticas a sua vontade? Quem foi o mentecapto, torno a dizer, que não sabe que não há foro de fidalgo com tantas preeminências e isenção como o que adquire um paladino andante no dia em que calça as esporas de ouro e se entrega ao duro exercício da cavalaria? Que cavaleiro andante pagou nunca peitas nem alcavalas, chapim de rainha, moeda foreira, portagem, nem barcagem? Que alfaiate lhe levou o feitio da roupa que lhe fez? Que castelão o acolheu no seu castelo, fazendo-lhe pagar o escote? Que rei o não assentou à sua mesa? Que donzela se lhe não afeiçoou e se lhe não entregou rendida, com todas as veras da sua alma? E. finalmente, que cavaleiro andante houve, há ou há de haver no mundo que não tenha brio, para dar ele só quatrocentas pauladas a quatrocentos quadrilheiros que se lhe ponham diante?"* (pág. 393)

Capítulo XLVI

Da notável aventura dos quadrilheiros e da grande ferocidade do nosso bom cavaleiro Dom Quixote.

O cura explica aos oficiais que Dom Quixote está insano e compensa o barbeiro pela bacia e albarda. Dom Fernando ressarce o vendeiro pelo prejuízo com o barril de vinho. Dom Quixote assevera que é hora de deixar o "castelo" e prestar assistência à princesa do Micomicão. Sancho Pança, no entanto, garante-lhe que a moça não é princesa nenhuma: *"...é-o tanto como minha mãe, porque, se o fosse, não andaria decerto a cada canto e a cada instante aos beijinhos com um sujeito cá da roda"* e o trata com desrespeito, dizendo que, no que diz respeito a salvar damas, *"as marafonas que se fiem e nós que vamos comendo"*. Dom Quixote fica furioso com Pança:

> *"- Ó velhaco e vilão, descomposto e ignorante, estúpido, desbocado, murmurador e maldizente, que semelhantes palavras ousaste dizer na minha presença e na presença destas ínclitas senhoras, como é que ousaste pôr na tua confusa imaginação semelhantes desonestidades e atrevimentos? Vai-te da minha presença, monstro da natureza, repositório de mentiras, armário de embustes, inventor de maldades, publicador de sandices, inimigo do decoro que se deve às pessoas reais; vai-te, e não apareças diante de mim, sob pena da minha ira."* (pág. 396)

Dorotéia intervém dizendo a Dom Quixote que Sancho estava enfeitiçado. O escudeiro pede-lhe desculpas. O grupo, já há dois dias no albergue, monta então um plano para repatriar o fidalgo: levá-lo amarrado numa jaula carregada pelo próprio grupo disfarçado, de modo que ninguém seria reconhecido por ele, exceto Sancho Pança.

Quando o agarraram em seu quarto, o fidalgo julga serem aqueles vultos *"fantasmas do castelo"*. Os disfarces são tão bons que as verdadeiras identidades nem mesmo Sancho conseguiria discernir. Sem reconhecer ninguém, Dom Quixote é metido numa jaula. O barbeiro profetiza na sua saída que ele irá se unir à Dulcinéia. Dom Quixote fica consolado com a profecia e responde:

> *"- Ó tu, quem quer que sejas, que tanto bem me prognosticaste, rogo-te que peças da minha parte ao sábio nigromante que tem as minhas coisas a seu cargo que não me deixe perecer nesta prisão, onde agora me levam, enquanto não vir cumpridas tão alegres e incomparáveis promessas, como são as que aqui se me fizeram; que, sendo assim, terei por glória as penas do meu cárcere e por alívio estas algemas que me cingem, e não por duro campo de batalha.*
>
> *(...)*
>
> *Inclinou-se-lhe Sancho Pança com muito comedimento e beijou-lhe ambas as mãos, não podendo beijar uma só, por estarem as duas amarradas.*
> *Logo aquelas visões tomaram a jaula aos ombros, e meteram-na no carro dos bois."* (pág. 399)

Capítulo XLVII

Do modo estranho como foi encantado Dom Quixote de la Mancha, com outros famosos sucessos.

Preso na carroça, Dom Quixote discute com Sancho Pança aquele estranho encantamento: *"Muitas e mui graves histórias tenho eu lido de cavaleiros andantes; mas nunca li, nem ouvi, nem vi, que os cavaleiros encantados os levem desta maneira, e com a demora que prometem estes preguiçosos e tardios animais."* O cura combina de os oficiais acompanhá-los. Todos partem juntos lentamente. O vendeiro dá ao cura uma cópia do livro *"Novela de Rinconete e Cortadilho"* de Cervantes. Ao longo do caminho, o grupo vai se dispersando, cada um tomando o seu destino.

A comitiva cruza com um cônego de Toledo escoltado por seis acompanhantes. O grupo quer saber quem está enjaulado, já que a presença de quadrilheiros sugeria algum facínora. Dom Quixote lhes conta que é

por *“inveja e fraude de maus encantadores”*, no que é confirmado pelo cura. Sancho Pança assume a defesa de seu amo e acusa o padre de ter impedido o casamento de Dom Quixote com a princesa Micomicona: *“Tudo o que eu digo não é senão para encarecer Vossa Paternidade que tenha consciência de como está sendo maltratado meu amo...”* O barbeiro ameaça colocá-lo na mesma jaula para Sancho *“participar de seu gênio e de suas cavalarias”*. O cura emparelha com o cônego e lhe explica a situação.

O cônego conversa com o padre licenciado sobre literatura, dizendo que as histórias devem ser realistas e não fantasiosas, dizendo serem *“prejudiciais na república estes livros a que chama de cavalaria”*.

> *“Nunca vi um livro de cavalarias com unidade de ação, mas compõem-se de tantos membros, que mais parece que o autor quis formar uma quimera ou um monstro do que fazer uma figura proporcionada. Além disso, são duros no estilo, incríveis nas façanhas, lascivos nos amores, desjeitosos nas cortesias, prolixos nas batalhas, néscios nas razões, disparatados nas imagens e, finalmente, alheios a todo o artifício discreto, e, por isso, dignos de serem desterrados da república cristã como coisa inútil .”* (pág. 405)

Na opinião do cônego, a história deve ser um *“vasto e espaçoso campo, por onde podia correr a pena sem o mínimo obstáculo”*, permitindo que o autor possa assumir qualquer papel. O maior objetivo da literatura, segundo ele, é de instruir e divertir ao mesmo tempo.

Capítulo XLVIII

Onde prossegue o cônego a matéria dos livros de cavalaria, com outras coisas dignas de seu engenho.

O cônego continua, dizendo que ele mesmo havia começado a escrever um livro de cavalaria. Fala do teatro moderno, elogiando peças como “Isabel”, “Filis” e “Alexandra”, que *“guardavam perfeitamente os preceitos da arte”*, ao mesmo tempo que condena peças sem unidade de tempo, ação, etc, ou que contenham flagrantes anacronismos ou milagres. Elogia o dramaturgo Lope de Vega. Insiste na conveniência de censores para que as peças e livros de cavalaria melhorem.

Sancho Pança diz a Dom Quixote que ele não está realmente enfeitiçado, mas sendo levado preso pelo cura e pelo barbeiro, que têm inveja de seus grandes feitos. O fidalgo, sempre pensando em magia, argumenta que os dois apenas se parecem com o cura e com o barbeiro. Sancho se irrita com seu amo:

> *“- Valha-me Nosso Senhor – respondeu Sancho, dando um grande brado -, pois é possível que seja Vossa Mercê tão duro de cabeça e tão falto de miolo que não veja que é a pura verdade o que eu digo, e que nesta sua prisão e desgraça entra mais a malícia do que o encantamento?”* (pág. 412)

Sancho Pança quer saber se seu amo, preso na jaula, sente necessidade de usar o banheiro e o fidalgo lhe diz:*” Tira-me deste perigo que já não saio limpo de todo!”*

Capítulo XLIX

Onde se trata do discreto colóquio que Sancho Pança teve com seu senhor Dom Quixote.

Sancho Pança argumenta que, uma vez que seu amo precisa usar o banheiro, não é possível que ele esteja encantado. O fidalgo concorda com a conclusão e planeja com seu escudeiro a fuga.

O cônego, impressionado com a loucura seletiva de Dom Quixote, tenta restituir-lhe o bom senso, mandando trocar a *“insípida e ociosa”* leitura de cavalaria por leituras da Bíblia, especialmente de “Juízes”,

onde ele acharia *“verdades grandiosas e feitos tão reais como denodados”*. Dom Quixote, no entanto, não concorda com a depreciação da literatura de cavalaria e a defende extensivamente, assegurando ao cônego que ele se encontra enlouquecido por algum encantamento. O fidalgo fala do rei Artur, de Tristão e Isolda, da guerra de Tróia. O cônego, impressionado com a capacidade de Dom Quixote misturar ficção e fatos históricos, acaba concedendo autenticidade e valor a algumas histórias de cavalaria, como no caso de El Cid, mas não aceita que um homem como Dom Quixote, *“tão honrado e de tão boas partes, e dotado de tanto entendimento, queria dizer que são verdadeiras tais e tão estranhas loucuras como as que estão escritas nos disparatados livros de cavalaria”*.

Capítulo L

Das discretas alterações que Dom Quixote e o cônego tiveram, com outros sucessos.

Dom Quixote faz pouco do cônego por duvidar da qualidade de livros impressos com autorização de reis, *“com aprovação daqueles a quem se enviam e que com gosto geral são lidos e celebrados por grandes e pequenos, pobres e ricos, letrados e ignorantes, plebeus e cavaleiros...”* O fidalgo fala das delícias da leitura de tais livros, descrevendo sua visão do esplendor cavalheiresco.

> *“Não quero alargar-me mais nisto, pois daqui se pode coligir que qualquer parte que se leia de qualquer história de cavaleiro andante há de causar gosto e maravilha a quem a ler. Creia-me Vossa Mercê e, como já lhe disse, leia estes livros, e verá como lhe desterram a melancolia e lhe melhoram a condição, se acaso a tiver má. Eu de mim sei que depois de me ter metido a cavaleiro andante, sou bravo, comedido, liberal, bem-criado, generoso, cortês, audaz, brando, paciente, sofredor de trabalhos, de prisões, de encantamentos, e ainda que há tão pouco tempo me vi metido dentro de uma jaula, como se fosse doido, espero, pelo valor do meu braço, ser dentro de poucos dias rei de algum reino, onde possa mostrar o liberal agradecimento que o meu peito encerra; ”* (págs. 420-21)

O fidalgo profetiza que logo será feito rei e espera fazer de Sancho Pança um conde. O escudeiro concorda e sonha com ter muitas propriedades e viver de rendas. Quando o cônego o lembra das grandes responsabilidades envolvidas em tal empreitada, Dom Quixote diz usar sempre como exemplo Amadis de Gaula e, assim pode, *“sem escrúpulos de consciência”*, *“fazer conde a Sancho Pança, que é um dos melhores escudeiros que nunca teve um cavaleiro andante”*. O cônego fica abismado com a falta de juízo do fidalgo e com a simplicidade do escudeiro.

Chega o pastor Eugênio, conversando com sua cabra Malhada, e se oferece para contar uma história.

Capítulo LI

Que trata do que contou o cabreiro a todos os que levavam Dom Quixote.

A história do rapaz era sobre um lavrador da região, muito estimado, *“mais pela virtude que tinha que pela opulência”*, que era pai de formosíssima filha de 16 anos, Leandra, cuja virtude o pai “guardava” e hesitava em ceder aos vários pretendentes, entre eles o próprio pastor, cujo maior rival era Anselmo. Um dia, chegou um soldado, Vicente da Rosa, e contou à moça suas façanhas. Leandra ficou impressionada com as roupas e maneiras do rapaz e fugiu com ele, *“persuadida que ele a levaria a mais esplêndida cidade que havia no mundo, que era Nápoles”*. No entanto, uma busca pela moça encontrou-a abandonada e roubada de seus pertences e de sua honra. O pai resolveu interná-la num convento. O pastor, Anselmo e outros pretendentes vieram então àquele vale trabalhar como pastores de ovelhas e cabras, onde passariam *“a vida entre as árvores, desabafando as* (suas) *mágoas ou cantando juntos, ora os louvores, ora os*

vitupérios da formosa Leandra, ou suspirando a sós, comunicando aos céus sentidas queixas”. Eram tantos os pretendentes e tantos os lamentos que aquele *“sítio se converteu na pastoril Arcádia”*. Eugênio parece não ter as mulheres em alta conta, por causa *“da sua inconstância, de sua doblez, de suas promessas descumpridas, de sua fé quebrantada e, finalmente, do pouco discorrer com que empregam os seus pensamentos e inclinações”*.

Capítulo LII

Da pendência que teve Dom Quixote com o cabreiro.

Após ouvir a história, Dom Quixote decide resgatar Leandra do convento, mas Eugênio debocha: *“Isso assemelha-se o que se lê nos livros dos cavaleiros andantes, que faziam tudo o que deste homem Vossa Mercê me diz, ainda que tenho para mim, ou que Vossa Mercê zomba, ou que este fidalgo tem aduela de menos.”* Dom Quixote fica furioso e lhe atira um pão na cara com tanta força *“que lhe esmurrou o nariz”*. O cabreiro agarra o fidalgo pelo pescoço com as duas mãos. No meio da briga, ouve-se o som de uma trombeta tão triste, que o cabreiro, *“cansado de moer e de ser moído”*, largou o fidalgo e juntos prestam atenção: era uma procissão de penitentes, *“vestidos de branco e de negro”*, que descia a encosta carregando a imagem da Virgem. Dom Quixote pensa tratar-se de uma dama sendo levada contra a sua vontade e brande a espada contra o grupo. Um dos homens do grupo, que reagira ao fidalgo às gargalhadas, dá-lhe uma bordoada no ombro, caindo o cavaleiro *“no chão em muito maus lençóis”*. Sancho Pança, achando que Quixote estava morto, faz sobre ele *“o mais doloroso e divertido pranto deste mundo”*, mas Dom Quixote recupera-se, é colocado novamente na jaula e, seis dias depois, chega a sua aldeia.

A mulher de Sancho, Juana Pança, quer saber dos ganhos com aquela expedição, mas ele só consegue falar do valor das aventuras por que passou. A governanta e a sobrinha reafirmam a culpa dos livros de cavalaria por aquela desgraça.

Cervantes antecipa as próximas aventuras de Dom Quixote, graças a uns pergaminhos que haviam sido encontrados numa caixa de chumbo por um médico. No pergaminho, havia vários epitáfios e eulogias a Dom Quixote, Dulcinéia e Sancho Pança. Entre eles, o que segue:

> *“O MONICONGO*
> *ACADÊMICO DE ARGAMASILHA,*
> *À SEPULTURA DE DOM QUIXOTE*
> *Epitáfio*
>
> *O tresloucado que adornou a Mancha*
> *De mais despojos que Jasão de Creta:*
> *O juízo, que teve a grimpa inquieta*
> *Bicuda, quando fora melhor ancha;*
>
> *O braço que a sua força tanto ensancha,*
> *Que chegou do Catai até Gaeta,*
> *A Musa mais horrenda e mais discreta*
> *Que versos foi gravar em brônzea prancha;*
>
> *Quem bem longe deixou os Amadises,*
> *E em pouco os Galores avaliou,*
> *Estribado no amor, na bizarria:*
>
> *Quem soube impor silêncio aos Belianises,*

Quem, montado em Rocinante, vagueou,
Jaz morto, enfim, sob esta lousa fria." (págs. 434-435)

Parte 2 (publicada em 1615)

A segunda parte do Dom Quixote, originalmente publicada separadamente, foi uma reação irritada de Cervantes à publicação, em 1614, de uma continuação "ilegítima", escrita por um certo Avellaneda de Tordesilhas (identificado por alguns como sendo Lope de Vega), que, no prefácio, desfaz da primeira parte, chama Cervantes de *"velho e pobre"* e pinta Dom Quixote como um maluco vulgar. Mais do que escrever a verdadeira continuação, Cervantes inclui o episódio de Avellaneda na própria história.

Deste modo, Dom Quixote e Sancho Pança ouvem, numa taberna, falar da continuação ilegítima de suas aventuras e fazem planos de partir para Barcelona, onde seqüestrariam uma das principais personagens da versão de Avellaneda.

Aparece na história, no entanto, uma nova personagem, o jovem bacharel Sansão Carrasco, filho da terra e de Bartolomeu Carrasco, que acabara de se graduar na Universidade de Salamanca. O bacharel, que havia lido a primeira parte da história, discute com Dom Quijana detalhes das aventuras, indicando suas inconsistências.

Dom Quixote está decidido a ir a Toboso com seu escudeiro para apresentar seus respeitos a Dulcinéia e o bacharel o incentiva, tendo de fato urdido uma conspiração com o cura e o barbeiro para acabar de vez com as aventuras de Quijano. Quixote e Pança partem e, no caminho, encontram três camponesas. Surpreendentemente Sancho Pança tenta convencer o fidalgo de que uma delas é Dulcinéia, mas o Quixote, que está cético, acha que, se isto for verdade, um feiticeiro deve tê-la enfeitiçado muito para parecer com uma camponesa feiosa, cheirando a alho e mal-educada.

Dom Quixote desentende-se com um certo Cavaleiro dos Espelhos (também chamado Cavaleiro da Floresta), que é nada mais nada menos que o próprio Sansão Carrasco disfarçado, acompanhado por seu escudeiro, Tomé Cecial, lavrador da aldeia e compadre de Sancho. O ponto de discórdia era sobre quem seria mais formosa, Dulcinéia ou a dama do seu opositor. O plano de Sansão era vencer o fidalgo no combate e, obtendo dele a promessa cavalheiresca de abdicar das armas, levá-lo de volta para casa para sempre. No entanto, Dom Quixote vence o combate e obriga o cavaleiro a reconhecer a superioridade de sua Dulcinéia.

A dupla continua na direção de Toboso e, no caminho, vive várias aventuras, entre elas *"a dos leões"*. Quixote, moralizado com a vitória sobre o Cavaleiro dos Espelhos, encontra um *"carro com bandeiras"*, dentro do qual havia dois leões engaiolados. Quixote desafia o condutor: *"Apeai-vos, bom homem, e, visto que sois o guarda, abri estas jaulas e largai-me estas feras que, no meio deste campo, lhe mostrarei quem é Dom Quixote de la Mancha, a despeito e apesar dos nigromantes que nos enviam"*. O condutor não quer abrir, mas o fidalgo ameaça de espetá-lo com a lança. Aberta finalmente a jaula, *"o generoso leão, mais comedido que arrogante, não fazendo caso de ninharias nem de bravatas, depois de olhar para um lado para outro, voltou os quartos traseiros para Dom Quixote..."* Quixote e Pança participam da peça-pastoral "O casamento de Camacho". A aventura de Dom Quixote continua com a descida de Dom Quixote à cova de Montesinos, cuja experiência o fidalgo relata como em transe.

> *“Arregalei os olhos, esfreguei-os e vi que não dormia, mas que estava perfeitamente desperto. Contudo, sempre tenteei a cabeça e o peito, para me certificar se era eu mesmo que ali estava, ou algum fantasma vão; mas o tato, o sentimento, os discursos concertados que fazia entre mim, me certificaram que era eu ali então o mesmo que sou agora aqui. Ofereceu-se-me logo à vista um verdadeiro e suntuoso palácio ou alcáçar, cujos muros pareciam fabricados de claro e transparente cristal, donde saiu, ao abrirem-se duas grandes portas, e veio direito a mim, um ancião venerável, coberto com um capuz de baeta roxa,que arrastava pelo chão. Vestia por baixo uma batina de cetim verde, trazia uma negra gorra milanesa, e a barba alvíssima descia-lhe abaixo da cintura; não tinha armas, tinha apenas na mão um rosário de contas maiores que nozes, e os padres-nossos eram do tamanho de ovos de avestruz; o porte, o andar, a gravidade e a majestade da presença suspenderam-me e assombraram-me. Chegou a mim, e a primeira coisa que fez foi abraçar-me estreitamente e dizer logo: ‘Há largos tempos, valoroso Dom Quixote de la Mancha, que todos os que estamos encantados nesta soledade esperamos ver-te, para que dês notícia ao mundo do que encerra e cobre a profunda cova por onde entraste, chamada a cova de Montesinos, façanha só guardada por teu invencível coração e por teu ânimo estupendo. Vem comigo, claríssimo senhor, que te quero mostrar as maravilhas solapadas neste transparente alcáçar, de que eu sou alcaide e guarda-mor perpétuo, porque sou o próprio Montesinos, que dá nome à cova.’ ”* (págs. 575-576)

Dom Quixote e Sancho Pança também vão ao espetáculo de bonecos do mestre Pedro. Durante a apresentação, o fidalgo, hipnotizado pelo enredo, revolta-se contra os bonecos mouros que atacam bonecos cristãos e os agride a espadadas.

O fidalgo e seu escudeiro aceitam convite de um casal de duques, que debocham dele, organizando espetáculos burlescos nos quais Sancho Pança finalmente governa a ilha de Baratária. Todos ficam surpreendidos pelo bom senso político do escudeiro, mas quando é armada uma falsa rebelião, Sancho Pança renuncia à vida de governador feudal, num corajoso ato de lealdade a Dom Quixote.

A dupla chega a Barcelona, onde são hóspedes de Dom Antônio Moreno, que também decide divertir-se às custas deles.

Em Barcelona, o Cavaleiro da Branca Lua desafia Dom Quixote para um duelo, acompanhado por seleta companhia. O fidalgo é rapidamente derrotado pelo cavaleiro que é nem mais nem menos que o bacharel Sansão Carrasco. Como uma das condições impostas por sua derrota, Dom Quixote é forçado a abandonar a vida de cavaleiro errante pelo resto da vida.

O resto do livro narra a volta da dupla para casa, não sem passar novamente pela casa dos duques onde ocorrem novas humilhações. Chegando à aldeia, notam que o fidalgo está muito doente e o colocam na cama. Depois de dormir um pouco, acorda e declara que seu nome é Alonso Quijano.

> *“-Dai-me alvíssaras, bons senhores, que já não sou Dom Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, que adquiri pelos meus costumes o apelido de ‘Bom’. Já sou inimigo de Amadis de Gaula e da infinita caterva da sua linhagem; já me são odiosas todas as história profanas de cavalaria andante; já conheço minha necedade e o perigo em que me pôs o tê-las lido; já por misericórdia de Deus, e bem escarmentado, as abomino.”* (pág.852)

Aparentando ter recuperado a razão, renuncia à cavalaria e morre sob a lamentação dos amigos.

> *“E diz o prudentíssimo Cide Hamete: ‘Aqui ficarás pendurada desta espereteira, ó pena minha, que não sei se foste bem ou mal aparada, e aqui longos séculos viverás, se historiadores presunçosos e malandrinos te não despendurarem para te profanar. Mas, antes que a ti cheguem, adverte-os e dize-lhes do melhor modo que puderes:*

Alto, alto, vis traidores,
Por ninguém seja eu tocada,
Porque, bom rei, esta empresa
Para mim 'stava guardada

Só para mim nasceu Dom Quixote, e eu para ele: ele para praticar as ações e eu para as escrever. Somos um só, a despeito e apesar do escritor fingido e tordesilhesco que se atreveu, ou se há de atrever, a contar com pena de avestruz, grosseira e mal aparada, as façanhas do meu valoroso cavaleiro, porque não é carga para os seus ombros, nem assunto para o seu frio engenho; e a esse advertirás, se acaso chegares a conhecê-lo,que deixe descansar na sepultura os cansados e já apodrecidos ossos de Dom Quixote, e não o queira levar, contra os foros da morte, para Castela, a Velha, obrigando-o a sair da cova, onde real e verdadeiramente jaz muito bem estendido, impossibilitado de empreender terceira jornada e nova saída, que para zombar de todas as que fizeram tantos cavaleiros andantes, bastam as duas que ele levou a cabo, com tanto agrado e beneplácito das gentes a cuja notícia chegaram, tanto nestes reinos como nos estranhos; e com isto cumprirás a tua profissão cristã, aconselhando bem a quem te quer mal, e eu ficarei satisfeito e ufano de ter sido o primeiro que gozou inteiramente o fruto dos seus escritos, como desejava, pois não foi outro meu intento, senão o de tornar aborrecidas dos homens as fingidas e disparatadas histórias dos livros de cavalarias, que vão já tropeçando com as do meu verdadeiro Dom Quixote, e ainda hão de cair de todo, sem dúvida'. Vale."” (pág. 857)

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos pelos Viscondes de Castilho e Azevedo, retirados de “Dom Quixote de la Mancha”, Círculo do Livro S.A., s.d., São Paulo.)